

**COMENTAR ARISTÓTELES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIII.  
A SENTENTIA CUM QUESTIONIBUS IN DE ANIMA ATRIBUÍDA  
A PEDRO HISPANO**

As traduções de obras filosóficas realizadas em contextos e períodos muito concretos ao longo da Idade Média, como as de Boécio no séc. VI, ou as de Escoto Eriúgena na corte carolíngia, ou as da plêiade de tradutores arabo-latinos e greco-latinos nos séculos XII e XIII, ou as de pendor humanista dos séculos XV e XVI, estabelecem um veio através do qual o pensamento antigo revitaliza, em renascimentos sucessivos, a cultura latina. Essas traduções, nomeadamente as das obras de Aristóteles, trazendo conhecimentos novos e matéria para pensar, mas também problemas para resolver, suscitam discussão entusiástica ou rejeição frontal, quase nunca a indiferença, sendo exceção as obras de Platão traduzidas no século XII e que quase não tiveram, então, repercussão. É como contributo para a compreensão da recepção filosófica da obra de Aristóteles traduzida ou retraduzida em quase toda a sua extensão durante os séculos XII e XIII, que aqui se estuda o comentário sobre o *De anima* atribuído a Pedro Hispano, em homenagem ao Prof. Doutor Álvaro dos Penedos, o meu professor de Filosofia Antiga<sup>1</sup>.

Após longos séculos de pensamento caldeado numa orientação platónico-agostiniana, o pensamento latino experimentaria nos séculos XII e XIII uma assinalável reorientação, em consequência da recepção de uma longa série de traduções, entre as quais se contam as da generalidade das obras de Aristóteles e de comentadores e epígonos de vária orientação. Aristóteles, já bem assimilado por séculos de estudo de algumas das obras do *organon*, em particular as *Categorias* e o *Da interpretação*, passa a ser o *filósofo* por antonomásia, autoridade lida de modo ávido e penetrante, autor citado a todos os propósitos, criticado também com insistência e com não menos admiração. As razões pelas quais o pensamento de Aristóteles ganha este favor e preponderância não é fácil de determinar ou de explicar, dado o cruzamento complexo de factores de vária natureza, mas ganha-o seguramente porque a sua obra trazia formulações e respostas a problemas que tinham entrado num impasse ou eram de todo ignorados. As condições da recepção da obra de Aristóteles não são menos intrincadas, até pelo facto de o contexto dessa primeira recepção ser tudo menos

---

<sup>1</sup> Neste estudo retomo com profundas alterações uma secção da dissertação de doutoramento em Filosofia antiga e medieval, *Pedro Hispano (século XIII)*, 2 vol.: I: *Bibliotheca manuscrita*, II: *... et multa scripsit*, Porto 2002, cfr. vol. II, pp. 217-230.

aristotélico. É a grelha intelectual fornecida pelo cristianismo, pelos platonismos e pelas obras traduzidas em simultâneo ou mesmo antes das de Aristóteles (nomeadamente as de Avicena e de outros árabes) que constitui o primeiro contexto de recepção e também das primeiras revisões dessa recepção. Tratando-se de uma vasta obra enciclopédica traduzida quase integralmente ao longo dos séculos XII e XIII, da qual até então se conheciam por leitura directa, intensa por sinal, das duas referidas obras do *organon*, juntamente com algumas citações indirectas, foi necessário, ao mesmo tempo, desenvolver ou criar dispositivos institucionais e hermenêuticos para a sua leitura e compreensão.

A instituição filosófica que absorverá, ganhará corpo e se disseminará geograficamente em torno destas obras, a universidade, nasce da corporação dos que estudam e ensinam. No seu interior não é sem dificuldades que ocorre o primeiro confronto com os textos de Aristóteles, desde cedo adoptados como núcleo dos cursos. No *Opus maius*, obra que terminou em 1267, Rogério Bacon escreveu que «é tanta a perversão e a horrível dificuldade, principalmente nos livros traduzidos de Aristóteles, que ninguém os consegue compreender»<sup>2</sup>. O filósofo franciscano atribuía a *horribilis difficultas* às traduções de que os latinos dispunham, que em geral considerava péssimas e deformadoras do original<sup>3</sup>. A leitura na língua original, que Bacon preconizava, demoraria ainda a estebelecer-se como uma necessidade filosófica, embora aqui e ali se praticasse também a interpretação com base na comparação entre as traduções disponíveis.

Era provavelmente com uma experiência de perplexidade que se confrontavam os primeiros mestres que fizeram cursos sobre as obras de Aristóteles. Talvez lhes aparecessem ricas em factos e doutrina, mas também semeadas de enigmas que pediam interpretação. Os mestres do século XIII tiveram que desenvolver ou reinventar os instrumentos adequados a uma exploração simultaneamente didáctica e filosófica dos textos em estudo. O principal recurso de atenção interpretativa e de descoberta é simultaneamente social, literário, filosófico e especulativo: é a *lectio* praticada nas escolas. Esta, ampliada pelo *commentarium*, pelas *quaestiones*, pela *disputatio*, é uma prática pública de mestres e estudantes, que serve antes de mais para compreender um autor fixando a sua doutrina, mas também para ultrapassar a própria letra do texto, alargando-a para um vasto continente de problemas e de posições filosóficas que estavam muito para lá do próprio texto, fosse ele de Aristóteles ou de outra autoridade. Apesar de a *lectio* implicar a proximidade com o texto, mesmo a duplicação e mimentismo do original, os comentários a que dá origem estão longe de ser todos ou sempre reverenciais. Apesar de o texto lido ser sempre o mesmo (descontando-se os erros e lacunas de transmissão), as interpretações divergem entre si e entra-se mesmo num regime heurístico e intelectualmente dinâmico de conflito das interpretações. Apesar da sua rigidez formal e repetitividade, desponta nos

---

<sup>2</sup> «Tanta est perversitas et horribilis difficultas maxime in libris Aristotelis translatis, quod nullos potest eos intelligere», Roger Bacon, *Opus maius*, I, 3, ed. J.H. Bridges, Clarendon Press, Oxford 1897; Roger Bacon, *The Opus maius*, 2 vol., trad. R. Belle Burke, University of Pennsylvania Press, Philadelphia 1928, vol. I, p. 77.

<sup>3</sup> Sobre a crítica das traduções medievais por Rogério Bacon ver R. LEMAY, «Roger Bacon's Attitude Toward the Latin Translations and Translators of the Twelfth and Thirteenth Centuries», in J. HACKETT (ed.), *Roger Bacon and the Sciences: Commemorative Essays*, E.J. Brill, Leiden 1997, pp. 25-47.

<sup>4</sup> Tem sido mesmo afirmado que a «retoma» da filosofia nos séculos XII e XIII está ligada à recuperação da tradição do comentário como seu recurso principal, cfr. por exemplo F. DEL PUNTA, «The Genre of

comentários uma criatividade filosófica de relevo<sup>4</sup>, sobretudo antes de entrarem em exaustão e declinarem para o formato de comentários de comentários, ou para o simples estudo de comentários que adquiriram autoridade.

Visto à distância, o fenómeno desta primeira recepção de Aristóteles parece veloz, mas de facto dura um século ou dois e deu origem a um diversificado conjunto de comentários, hoje ainda insuficientemente conhecido porque a maioria dos comentários medievais continuam manuscritos e sem edições impressas. É nos próprios comentários que podemos e devemos colher elementos que nos permitam compreender o processo de recepção e quais os problemas literários e filosóficos nesse envolvidos.

O *De anima* é uma das obras de Aristóteles que desde cedo concentra as atenções dos filósofos e teólogos. A partir de meados do século XII a evolução das teorias psicológicas e gnosiológicas, para não dizer de toda a antropologia, é em boa parte dinamizada pelos comentários ao *De anima*. Por isso, compreender as condicionantes filosóficas e literárias desta recepção permitirá também apreender melhor a sua evolução, apesar de a história dos primeiros comentários ao *De anima* estar ainda insuficientemente reconstruída<sup>5</sup>. A obra rapidamente entra nos *curricula* das Faculdades de Artes, o que explica a abundância de cópias, comentários e paráfrases<sup>6</sup>. O interesse filosófico pelo *Peri psyches* de Aristóteles tinha começado na antiguidade e, após a sua introdução na universidade logo no início do século XIII, prolonga-se até à contemporaneidade, alimentando ou dando origem a múltiplas e diferentes teorizações da mente humana e sobretudo à psicologia como campo científico<sup>7</sup>.

---

Commentaries in the Middle Ages», em J. AERTSEN – A. SPEER (hrg.), *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages*, (Miscellanea Mediaevalia, 26) W. de Gruyter, Berlin 1998, pp. 138-151 (p. 141).

<sup>5</sup> Para uma primeira abordagem dos diferentes comentários ver B.C. BAZÁN, «13<sup>th</sup> Century Commentaries on *De anima*: From Peter of Spain to Thomas Aquinas», em G. FIORAVANTI – C. LEONARDI – S. PERFETTI (eds.), *Il commento filosofico nell'occidente latino (secc. XIII-XV). The Philosophical Commentary in the Latin West (13-15th Centuries). Atti del colloquio Firenze-Pisa 19-22 ottobre 2000, organizzato dalla SISMEI (Società Internazionale per lo Studio del Medioevo Latino) e dalla SISPM (Società Italiana per lo Studio del Pensiero Medievale), sotto l'égida della SIEPM*, (Rencontres de Philosophie Médiévale, 10) Societé Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale – Brepols, Turnhout 2002, pp. 119-182 (nas pp. 126-132 é estudado o comentário atribuído a Pedro Hispano); R.-A. GAUTHIER, em *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, (Opera Omnia t. XLI\*1) Roma – Paris 1984, pp. 235\*-273\* (vejam-se as pp. 239\*-241\* sobre o comentário aqui estudado).

<sup>6</sup> J. de RAEDEMAKER, «Une ébauche de catalogue des commentaires sur le *De anima* parus aux XIII.<sup>e</sup> XIV.<sup>e</sup> et XV.<sup>e</sup> siècles», *Bulletin de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale* 5 (1963) 149-183, 6 (1964) 119-134; A.J. SMET, *Initia commentariorum quaestionum et tractatum latinorum in Aristotelis de Anima saeculis XIII, XIV, XV* [edição dactilografada] Leuven 1963; A. THIRRY, «Recherches relatives aux commentaires médiévaux du *De anima* d'Aristote», *Bulletin de philosophie médiévale*, 13 (1971) 109-128. A sinalização dos comentários medievais a Aristóteles, mas de modo incompleto porque não se incluem os textos anónimos, encontra-se em Charles H. LOHR, «Medieval Latin Aristotle Commentaries», *Traditio. Studies in Ancient and Medieval History, Thought and Religion*, 23 (1967) 313-413, 24 (1968) 149-245, 26 (1970) 135-216, 27 (1971) 251-351, 28 (1972) 281-396, 29 (1973) 93-197, 30 (1974) 119-144 e *Bulletin de philosophie médiévale*, 14 (1972) 116-126.

<sup>7</sup> Vejam-se os conjuntos de ensaios reunidos em A.O. RORTY – M. NUSSBAUM (eds.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford University Press, Oxford 1992; G. ROMEYER-DHERBEY (dir.), *Corps et âme. Sur le De anima d'Aristote*, études réunies par C. VIANO, (Bibliothèque d'Histoire de la philosophie), Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1996; J.M.M.H. THIJSEN – P.J.J.M. BAKKER (eds.), *Mind, Perception, and Cognition. The Commentary Tradition of Aristotle's De Anima*, Ashgate Publishers, Aldershot, no prelo. Sobre a recepção do *De anima* no mundo árabe: R. RAMÓN GUERRERO, *Recepción árabe del De anima de Aristoteles*, CSIC, Madrid 1992. Sobre a recepção medieval: Ch. LOHR, «The Medieval Interpretation of Aristotle», em N. Kretzmann et al. (ed.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the desintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge 1982, 80-98.

Em 1944 o padre jesuíta espanhol Manuel Alonso Alonso editou um comentário sobre o *De anima* de Aristóteles com base num manuscrito de Cracóvia, único então conhecido e onde a obra, incompleta, é explicitamente atribuída a Pedro Hispano<sup>8</sup>. Alguns anos após a edição seria descoberto na Biblioteca Marciana de Veneza um segundo apógrafo, com importantes variantes textuais, mas incompleto, anónimo e sem elementos adicionais para a questão da autoria<sup>9</sup>, problema que não será aqui directamente abordado. Apesar de em diversos textos ter expresso que as obras atribuídas a um Pedro Hispano, tradicionalmente identificado como lógico, filósofo, médico, alquimista e depois papa João XXI, terão sido de facto escritas por diversos autores homónimos, e que este comentário pode ter sido escrito por um autor anónimo, por facilidade de expressão toma-se aqui a atribuição que se lê no manuscrito de Cracóvia no final do livro I: «Explicit primus de anima magistri Petri Hyspani»<sup>10</sup>, atribuição corroborada no lugar correspondente na tábua de conteúdo que antecede o texto neste mesmo manuscrito: «Expliciunt questiones primi libri de anima secundum magistrum Petrum Hyspanum»<sup>11</sup>. Esta menção de autoria não se encontra no manuscrito de Veneza.

O comentário está incompleto em ambos os manuscritos e termina *ex abrupto* em pontos diferentes, embora próximos. Em ambos os casos o texto termina mais ou menos a meio do livro II da obra de Aristóteles ficando incompletas as questões da lição 11, relativa a 414b19-415a12, por isso não se sabe se o longo comentário também incluía o livro III, embora em alguns pontos o autor antecipe questões que nele trataria. A análise comparativa dos dois apógrafos e a deteção de diversas divergências conduziu Cruz Pontes a concluir que o texto original usado pelos copistas era mais extenso que o transmitido por qualquer um dos manuscritos existentes, os quais não dependem um do outro<sup>12</sup>.

Manuel Alonso, certamente influenciado pela tradição e seguindo práticas então em uso, tomou algumas opções editoriais que escondem as especificidades técnicas e didáticas deste comentário ou induzem mesmo o leitor em erro. Torna-se por isso necessário olhar para o próprio texto procurando extrair-lhe o máximo de informação

---

<sup>8</sup> M. ALONSO ALONSO, *Comentário al de anima de Aristóteles*, (Pedro Hispano, Obras Filosóficas II) CSIC, Madrid 1944. A obra será aqui citada com o título latino recomposto *Sententia cum questionibus in De anima*.

<sup>9</sup> Dessa descoberta dá conta J.M.C. PONTES, «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 43 (1976) 167-201, este estudo contém uma minuciosa descrição do manuscrito de Veneza e nele se editam diversas variantes e passagens que não existem no manuscrito de Cracóvia editado por M. Alonso. Aditamentos e correcções à edição de Alonso também em J.M.C. PONTES, *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, Inst. de Estudos Filosóficos, Universidade de Coimbra, Coimbra 1972, pp. 119-158.

<sup>10</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, f. 95ra, I, 15; ed. Alonso, p. 487, 10-11.

<sup>11</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, f. 45rb; ed. Alonso, p. 775, 19-20 (por opção, Alonso publicou a tábua das questões no final e não no início, no manuscrito).

<sup>12</sup> Cfr. J.M.C. PONTES, «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima*», cit., pp. 199-200, onde se defende que as divergências de redacção entre os dois manuscritos existentes «viennent expliquer les vicissitudes par lesquelles a passé ce texte qui provient du magistère de Petrus Juliani» (p. 186). Uma vez que também de outra obra sobre a alma atribuída (por erro) a Pedro Hispano se descobrira um segundo manuscrito, conclui Cruz Pontes: «A elle seule l'existence de ces deux copies de la *Scientia libri de anima* et des *Quaestiones libri de anima* permet la conclusion que ces deux oeuvres ont connu une divulgation plus large que celle qu'on aurait pu supposer quand on ne connaissait de chacune d'elles qu'un seul manuscrit.» (p. 200, no fim do estudo).

possível quanto à sua estrutura e conteúdo, com vista a compreender melhor as posições doutrinárias do autor, ou mesmo a data, o contexto e o local de composição do comentário.

Tal como na obra comentada, os temas do comentário vão desde a organização dos saberes e o estatuto especulativo da ciência da alma e da sua classificação como ciência natural, até aos problemas mais específicos de âmbito antropológico e filosófico como a natureza da alma e do corpo, a relação entre ambos, a sensação e os órgãos sensoriais, a abstracção e o conhecimento, etc. Para o autor, a ciência do homem ou da alma racional é a mais nobre de entre todas as ciências físicas: «scientia de homine vel de anima rationali est nobilior qualibet scientia physicorum»<sup>13</sup> (i.e, as que se ocupam da forma enquanto ligada à matéria), porque o homem é o fim de todas as coisas criadas e é o mais nobre de todos os objectos da ciência, a qual é um saber por demonstração<sup>14</sup>. Do texto que nos chegou, uma parte substancial é também ocupada com a discussão dos problemas que Aristóteles trata numa perspectiva histórica no livro I e que permitem ao comentador antecipar importantes questões que habitualmente eram discutidas nos livros II e III em partes a que não chega o texto conhecido do comentário<sup>15</sup>.

## I. Estrutura: questões preambulares e comentário

Antes do comentário propriamente dito o autor inseriu três problemas preambulares sobre o objecto, a natureza e o método da ciência da alma<sup>16</sup>. O comentário propriamente dito está organizado em *lectiones*, 15 para o livro I, e 11 para o livro II, que, como vimos, termina de modo abrupto em ambas as cópias conhecidas. A estrutura das lições é rígida, em duas partes principais: comentário e questões. O comentário é constituído pela dilucidação da estrutura e argumentação do texto (*divisio textus*) seguida da identificação das posições doutrinárias (*sententiae*) de Aristóteles no texto dividido. A segunda parte de cada lição inclui um conjunto de questões em torno de

---

<sup>13</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, Probl. Preamb. III, q. 6.1.1.3 ad oppositum; ed. Alonso, p. 134, 2-8. Embora use aqui o termo razão, podemos entendê-la como intelecto ou parte superior da alma. Algumas linhas antes a faculdade racional é referida como o terceiro elemento da sequência: vegetativa, sensitiva.

<sup>14</sup> Na ideia da ciência do homem como ciência da razão ou intelecto parece ecoar a tese de Aristóteles segundo a qual «cada um é o seu intelecto» (*Ét. a Nic.* IX, 8; 1168b35), em que a racionalidade é causa e essência do homem e que sem a potência racional não há homem, tese que podemos encontrar também no *Liber de causis* (I prop. 10-11).

<sup>15</sup> Para uma contextualização e análise de posições filosóficas mais marcantes nesta obra, cfr. B.C. BAZÁN, «13<sup>th</sup> Century Commentaries on *De anima*: From Peter of Spain to Thomas Aquinas», cit., sobre a *Sententia cum questionibus* ver as pp. 126-132, onde se analisa a forma literária e a doutrina, sendo destacada a posição quanto ao hilemorfismo, de tipo gabrioliano, que leva à defesa de um dualismo antropológico onde é vincado o carácter instrumental do corpo, tese que o autor não hesita em atribuir a Aristóteles. Nas pp. 132-136 é analisada a *Expositio libri de anima*, que Alonso editara como de Pedro Hispano, mas que Bazán, na sequência de R.-A. Gauthier, considera um pseudo Pedro Hispano.

<sup>16</sup> Sobre os problemas e posições aí discutidos, cfr. J.F. MEIRINHOS, «Métodos e ordem das ciências no Comentário sobre o *De anima* atribuído a Pedro Hispano», *Veritas* 43 (1998) 593-621, reed. em Luís Alberto de BONI (org.), *A ciência e a organização dos saberes na Idade Média*, (Filosofia, 112) EDIPUCRS, Porto Alegre 2000, pp. 219-252.

problemas por vezes apenas remotamente relacionados com o correspondente texto de Aristóteles<sup>17</sup>.

Pela sua estrutura a obra corresponde melhor ao estilo das *Sententiae cum questionibus*, como foi aliás assinalado por René-Antoine Gauthier<sup>18</sup>. O método de leitura escolar e o desdobramento de mecanismos de abordagem do texto, as fontes aduzidas, a forma literária, as referências aos interlocutores, os problemas discutidos, indiciam que se trata de um curso efectivamente proferido. Em resposta a uma observação de Gilson a propósito das diferenças entre este comentário sobre o *De anima* (cuja atribuição a Pedro Hispano o autor francês colocou em causa<sup>19</sup>) e a *Scientia libri de anima*, Cruz Pontes considera que a reduzida presença de conhecimentos médicos nas *Quaestiones*, ao contrário do que acontece com a *Scientia*, poderá ser explicada pelo momento da carreira de Pedro Hispano em que teriam sido escritas<sup>20</sup>. Retomando a sugestão René-Antoine Gauthier concluía também que essa ausência «invite à situer le cours sur le *De anima* au début de sa carrière, avant qu'il n'étudie la médecine et aille l'enseigner à Sienne à partir de 1244». Daí induz nova hipótese, assente no duplo pressuposto de que o autor do curso é também o futuro professor de medicina em Siena<sup>21</sup> e de que teria sido proferido numa universidade do sul de França, dado que em Paris o ensino público das obras de Aristóteles, excepto as de lógica e a *Ética*, estava então interdito<sup>22</sup>: «il n'est donc pas téméraire de supposer que c'est à l'Université de Toulouse que Pierre d'Espagne maître ès arts a trouvé pour ses cours, vers 1240, le cadre le plus approprié»<sup>23</sup>. De um ponto de vista documental nada

---

<sup>17</sup> Na opinião de B.C. BAZÁN («13<sup>th</sup> Century Commentaries on *De anima*», cit., pp. 126-127) «In these questions (...) Peter of Spain practically subordinates the interpretation of the text to the presentation of his personal doctrines and his acquaintance with other philosophical sources. Averroes has a quite visible role, but Avicenna and Avicebron are more prominent from the point of view of doctrinal influence».

<sup>18</sup> R.-A. GAUTHIER, «Introduction», em Sancti Thomae de Aquino, *Sententia libri de anima*, cit., p. 239\*.

<sup>19</sup> Cfr. E. GILSON, *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, New York 1959, p. 681, n. 43.

<sup>20</sup> «La date précoce où elles furent rédigées explique pourquoi les *Quaestiones* révèlent très peu de connaissances médicales. A cette époque, Pierre d'Espagne en fréquentait probablement encore la Faculté», J.M.C. PONTES, «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima*», cit., p. 178 dando em nota um longo texto de A. Schlögel (p. 503) onde se fundamentam estes juízos.

<sup>21</sup> Sobre a presença de um *Petrus Hispanus medicus* em Siena entre 1245 e 1250, cfr. P. NARDI, *L'insegnamento superiore a Siena nei secoli XI-XIV. Tentativi e realizzazioni dalle origini alla fondazione dello Studio generale*, (Saggi e documenti per la storia dell'Università di Siena, 2) Giuffrè, Milano 1996, cfr. pp. 56-63. Creio que não é possível encarar sem uma fundada dose de cepticismo que o autor do comentário, o médico em Siena e o futuro papa são uma e a mesma pessoa, cfr. J.F. MEIRINHOS, «Giovanni XXI», trad. V. Lo Faro, em *Enciclopedia dei Papi*, 3 vol., Istituto dell'Enciclopedia Italiana, Roma 2000, vol. II, pp. 427-436, em particular pp. 427-428.

<sup>22</sup> Na primeira metade do século XIII a recepção da metafísica e da filosofia natural de Aristóteles teve na Universidade de Paris um dos seus centros privilegiados, onde passou, na expressão de Luca Bianchi, da proscrição à prescrição, L. BIANCHI, *Censure et liberté intellectuelle à l'Université de Paris (XIIIe-XIVe siècles)*, (L'âne d'or) Les Belles Lettres, Paris 1999, pp. 89-127 e 270-286 para as notas. Em 1210 e 1215 são publicadas as primeiras proibições de leitura pública dos livros de metafísica e de filosofia natural de Aristóteles (*non legantur libri de Aristotelis de metafisica et de naturali philosophia*, cit. p. 271, n. 12), onde se inclui o *De anima*. Em 13 de Abril de 1231 o papa Gregório IX mantinha a proibição até que esses livros fossem expurgados de toda a suspeita de erro (pp. 103-104). No início de 1252 a nação inglesa, para além de requerer estudo da lógica de Aristóteles tornou obrigatório o *De anima*, mas é o estatuto da Faculdade de Artes promulgado em 19 de Março de 1255 que introduz nos planos de estudos a totalidade das obras de Aristóteles então conhecidas e mesmo três pseudo-epígrafos que circulavam sob o seu nome (p. 123).

<sup>23</sup> R.-A. GAUTHIER, «Introduction», cit., pp. 191\* e 240\*-241\*, onde se lêem os textos citados. Gauthier procede a uma acomodação cronológica, dando como definitiva a identificação do autor com o que

atesta a passagem de um mestre Pedro Hispano em Toulouse<sup>24</sup>, assim como até esta hipótese ter sido formulada nada associava Pedro Hispano ou Pedro Julião, ou João XXI à Universidade de Toulouse<sup>25</sup>. É improvável que o comentário tenha sido escrito na Península Ibérica, dado o carácter incipiente das instituições escolares onde se ensinava filosofia e porque a penetração de Aristóteles era muito ténue na primeira metade do século XIII, mesmo apesar de ter sido um dos principais contextos de traduções do árabe para latim<sup>26</sup>.

Mas, porquê então em Toulouse? Que associa o comentário a esta Universidade? Infelizmente não existem estudos sobre a técnica do comentário e da *quaestio* nesta universidade para podermos ajuizar se a estrutura da obra se enquadra nos modelos aí usados<sup>27</sup>. Que outros mestres e comentários sobre Aristóteles são conhecidos nesta Universidade em meados no século XIII<sup>28</sup>? De qualquer modo, esta hipótese trazia à biografia do personagem “Pedro Hispano” algo de completamente novo<sup>29</sup>, que apenas

---

tradicionalmente era considerado o percurso biográfico e académico de Pedro Julião, futuro papa João XXI.

<sup>24</sup> Para a averiguar o local de composição das *Summulae logicales*, de Rijk fizera já uma pesquisa com resultados negativos: «I looked after Peter's name in vain in all the manuscripts and printed documents concerning Toulouse University, which are preserved in Paris, Toulouse, and Aix en Provence», L.M. DE RIJK, ed., *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalesis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, Van Gorcum, Assen 1972, p. XXXVII, n. 1, onde cita a principal bibliografia.

<sup>25</sup> Não é assinalado, como não o é qualquer outro Pedro proveniente de Portugal, na obra de J.V. SERRÃO, *Portugueses no estudo de Toulouse*, (Universitatis Conimbrigenensis studia ac regesta) Imprensa da Universidade, Coimbra 1954.

<sup>26</sup> Sobre a penetração do aristotelismo em Espanha no século XIII, cfr. A. MARTINEZ CASADO, «Aristotelismo hispano en la primera mitad del siglo XIII», *Estudios filosóficos* 33 (1984) 59-84; A. ESCOBAR CHICO, «Sobre la fortuna de Aristóteles en España», *Revista Española de Filosofía Medieval* 1 (1994) 141-148.

<sup>27</sup> Os estudos sobre a *quaestio* centram-se geralmente nas universidades de Paris e Oxford, cfr. B.C. BAZÁN, «Les questions disputées, principalement dans les Facultés de Théologie», em *Les questions disputées et les questions quodlibétiques dans les Facultés de théologie, de droit et de médecine*, Turnhout 1985, pp. 13-149, em particular as pp. 25-40 sobre a origem do género e a relação da *lectio* com a *questio* e desta com a *disputatio*; O. WEIJERS, «L'enseignement du trivium à la Faculté des arts de Paris: la “questio”», em J. HAMESSE (éd.), *Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les universités médiévales. Actes du Colloque International de Louvain-la-Neuve (9-11 septembre 1993)*, (Textes, Études, Congrès, 16) Publications de l'Institut d'Études Médiévales – Université Catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve 1994, pp. 56-76, que chama a atenção para a variabilidade dos modelos de “questio”, de tal modo que o termo deve ser usado no plural, embora não assinale um modelo de *questio* e de comentário como o usado no comentário atribuído a Pedro Hispano; EADEM, *La “disputatio” à la Faculté des arts de Paris (1200-1350 environ)*, Turnhout 1995.

<sup>28</sup> Os estudos sobre a Universidade de Toulouse também não fornecem elementos que permitam resolver a questão, cfr. R. GADAVE, *Les documents de l'histoire de l'université de Toulouse (1229-1789)*, Toulouse 1910; H. DENIFLE, *Die Universitäten des Mittelalters bis 1400. I Die Entstehung der Universitäten*, Berlin 1885; *Les Universités du languedoc au XIII<sup>e</sup> siècle* (Cahiers de Fanjeux, 5), Toulouse 1970, em especial as pp. 294-303: «Documents inédits pour servir à l'histoire de l'Université de Toulouse au XIII<sup>e</sup> s.»; os dois estudos de Marie-Humbert Vicaire (pp. 43-57 e 147-78), que abrangem o período de fundação do *studium* sob o impulso dos dominicanos (c. 1216-c. 1233), foram reeditados em M.-H. VICAIRE OP, *Dominique et ses prêcheurs*, préf. M.-D. Chenu, (Studia firburgensia, 5) Ed. Universitaires de Fribourg – Ed. du Cerf, Fribourg – Paris 1971 pp. 58-100. Também nenhuma destas obras fornece elementos que possam sugerir ou permitam discutir o problema da possível presença de Pedro Hispano em Toulouse.

<sup>29</sup> O mesmo acontecera já como a associação de Pedro Hispano a Léon no Norte de Espanha, antes aventada por de Rijk para lugar de composição da sua mais antiga obra lógica (L.M. de Rijk, ed., *Peter of Spain, Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, cit., p. XXXVII e n. 4), hipótese de imediato tomada como provada pelos estudiosos e rapidamente incorporada nas biografias de Pedro Hispano e mais tarde fundamento para novas hipóteses, como as formuladas nos estudos de A. D'ORS, «Petrus Hispanus

não era improvável porque sobre ele neste período não se conhece rigorosamente nada.

No actual estado a investigação ainda não é possível responder ao problema da data e do local de composição. O texto que nos chegou não é um texto com forma definitiva, possui evidentes lacunas e mesmo o que parecem ser hesitações do autor, ou as suas possíveis correcções. Como se disse atrás, o comentário propriamente dito é antecedido por três grupos de questões preambulares (pp. 59-179 da edição Alonso) cujo texto não coincide totalmente em ambos os manuscritos<sup>30</sup>. Segundo Alonso as repetições existentes nestas questões no manuscrito de Cracóvia mostram também que estamos perante um texto em elaboração e que assim ficou<sup>31</sup>, contudo esta hipótese não explica a inexistência das repetições no manuscrito de Veneza, aliás desconhecido de Alonso. Os manuscritos de Veneza e de Cracóvia concordam entre si a partir do início do comentário propriamente dito (Cracóvia, f. 56ra21 = Veneza, f. 55ra 47 = ed. Alonso, p. 186), havendo também a assinalar diferenças de redacção entre ambos, sobretudo nas *questiones* de cada lição.

As lacunas do próprio texto e as diferenças entre as questões que o autor anuncia em cada lição e as que depois efectivamente discute, levaram o autor da *Tabula questionum* que antecede o texto no manuscrito de Cracóvia<sup>32</sup>, a negligenciar a enumeração prévia e a seguir as questões discutidas no texto mesmo, como se pode verificar pela última questão da lição 2 do II livro. Pedro Hispano anuncia assim essa questão: «Nona est de diffinitione anime et de eius explanationis» (p. 498, 20-21), mas depois discute uma questão completamente diferente, a saber: «utrum <celum> habeat animam tanquam sui perfectionem, sicut habent animalia ut possit dicere animal vel corpus animatum» (pp. 531,33-532, 2; a discussão encontra-se nas pp. 532-535). Ora, o autor da *tabula* remete precisamente para esta formulação e não para a anunciada após a *sententia*: «utrum <celum> possit dici animal vel animatum» (f. 41rc, ed. Alonso, p. 775, nr. 140). Este exemplo (diversos outros semelhantes podem ser aduzidos) mostra que o autor do comentário se via obrigado a alterar o seu plano passando a temas que não planeava discutir, ou preferindo não discutir certas questões que poderiam ser mais difíceis ou que exigiriam tomadas de posição mais explícitas sobre problemas controversos para o seu auditório.

De facto, a compreensão do pensamento do autor, do seu método de discussão e das hesitações que patenteia ao longo da obra podem colher preciosos elementos da análise das diferenças entre as questões anunciadas e as discutidas, análise que aqui não se fará porque em primeiro lugar é necessário analisar a interpretação que o próprio autor faz do texto de Aristóteles a partir de dois recursos hermenêuticos principais: a divisão do texto (*divisio textus*) e a determinação da respectiva doutrina

---

O.P., *Auctor Summularum*, *Vivarium* 35 (1997) 21-71; «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum* (II): Further Documents and Problems», *Vivarium* 39 (2001) 209-254; para uma crítica de hipóteses do primeiro destes artigos ver S. TUGWELL, «Petrus Hispanus: Comments on Some Proposed Identifications», *Vivarium*, 37 (1999) 103-113.

<sup>30</sup> Para uma análise das diferenças entre as versões das questões preambulares apresentadas nos dois manuscritos, cfr. J.M.C. PONTES, «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima*», cit., pp. 185-186, onde conclui que «le texte vénétien s'accorde tantôt avec la première tantôt avec la deuxième rédaction des problèmes que le manuscrit de Cracovie répète en deux endroits différents.»

<sup>31</sup> Alonso, «Introducción», cit., pp. 42-43 e 47.

<sup>32</sup> Publicada por Alonso a pp. 771-778.



(*sententia*). O conhecimento da sua técnica de comentário poderá permitir uma comparação posterior com a forma e o estilo de comentários feitos em diferentes universidades do século XIII, para determinar o seu local de composição. Também a datação terá que se valer de informações indirectas. Num dado passo Pedro menciona que o *De motu animalium* de Aristóteles não está traduzido em latim<sup>33</sup> e afirma conhecer essa obra por uma passagem do comentário de Averróis sobre a *Física*, mas é de facto no *Grande comentário* que se encontra uma passagem paralela<sup>34</sup>. A tradução do *De motu animalium* seria realizada por Guilherme de Moerbeke c. 1260-1266 e rapidamente difundida<sup>35</sup>. O nosso autor ainda não a conhecia, seguramente por estar a escrever antes daquelas datas.

## II. O texto comentado

Cada lição do comentário ao *De anima* atribuído a Pedro Hispano começa com o breve lema da parte do texto que nela será comentado. Como era hábito, dispensava-se assim a transcrição de todo o texto de Aristóteles de que o mestre e discípulos dispunham integralmente em outro manuscrito. É por essas poucas palavras e por esporádicas citações ao longo do texto que poderemos determinar qual das versões o autor usa.

Na Idade Média e no espaço de um século foram realizadas três traduções do *De anima*: duas a partir do grego e uma a partir do árabe<sup>36</sup>. A primeira foi realizada no século XII, algures entre 1125 e 1150, por Tiago de Veneza<sup>37</sup> e é, por isso, conhecida como *translatio vetus*<sup>38</sup>. A segunda tradução foi realizada a partir do árabe, já no

---

<sup>33</sup> «(...) et sic determinatur in libro quem narrat Averrois supra librum physicorum quem facit Aristoteles de motibus animalium qui non est in latino», Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in libros De anima*, Probl. Preamb. II, q. 16, ed. Alonso 1944, p. 103, 33-104, 3.

<sup>34</sup> Averróis, *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, Recensuit F. Stuart CRAWFORD, (Corpus Commentariorum Averrois in Aristotelem, VI, 1) The Mediaeval Academy of America, Cambridge 1953 (trad. francesa parcial em AVERROËS, *L'intelligence et la pensée. Grand commentaire du De anima, Livre III (429a10-435b25)*, trad., introd., notes par Alain de LIBERA, GF 974 Flammarion, Paris 1998), III, 54, p. 524, 59-61: «Et ipse locutus fuit de hoc in tractatu quem fecit de Motu Animalium, sed iste tractatus non venit ad nos».

<sup>35</sup> Estão hoje identificados 172 mss. desta tradução, cfr. Brams, *La riscoperta di Aristotele*, cit., p. 110.

<sup>36</sup> Para uma apresentação geral das traduções medievais de Aristóteles, cfr. J. BRAMS, *La riscoperta di Aristotele in Occidente*, (Eredità Medievale, 22) Jaca Book, Milano 1993; uma sinopse da datação e das diferentes traduções do *corpus* aristotélico encontra-se em B.G. DOD, «Aristoteles Latinus», em N. KRETZMANN – A. KENNY – J. PINBORG (ed.), E. STUMP (assoc. ed.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, pp. 45-79, cfr. pp. 74-79 (para o *De anima*, p. 76).

<sup>37</sup> Cfr. J. Brams, *La riscoperta di Aristotele*, cit., pp. 27-51; a pp. 43, 45 e 47 assinala as semelhanças das traduções de Tiago de Veneza com as traduções antigas de Boécio, mas nada de particular menciona sobre a tradução do *De anima* a não ser que, ao contrário do que acontece com outras obras, se conhece apenas uma versão da tradução, p. 51.

<sup>38</sup> Estão disponíveis actualmente três edições desta tradução do *De anima*: Lib. I-III: ed. M. Alonso, em Pedro Hispano, *Obras Filosóficas III*, Madrid 1952, pp. 89-115 e seg. passim; edição integral mais recente por R.-A. Gauthier, Anonymi, magistri artium (c. 1245-1250), *Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata (Ms. Roma Naz. V. E. 828)*, Ed. Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, Grottaferrata 1985 (passim); edição dos Lib. II-III por Kevin White, em ANONYMI, magistri artium (c. 1246-1247), *Sententia super II et III De anima*, ed. B.C. Bazán, Louvain-Paris 1998 (passim).

século XIII, entre 1220 e 1233, por Miguel Escoto<sup>39</sup>, integrada no *Grande Comentário* de Averróis sobre o *De anima*<sup>40</sup>. A terceira tradução resulta de uma revisão da antiga tradução de Tiago de Veneza, confrontada com novos manuscritos gregos, por Guilherme de Moerbeke, por volta de 1268-1270<sup>41</sup> sendo conhecida como *translatio nova*<sup>42</sup>. Ainda nenhuma das traduções greco-latinas está publicada na série *Aristoteles latinus*, mas a edição da *vetus* anuncia-se para breve<sup>43</sup>.

Para facilitar a leitura do comentário ao *De anima* atribuído a Pedro Hispano, e seguindo um hábito comum na edição de comentários de outros autores, Manuel Alonso publicou em pé de página no início de cada lição o respectivo texto de Aristóteles. Alonso enfrentara a questão ao introduzir a sua edição e inclinava-se a pensar que tinha sido usada a *translatio vetus* e não a revisão de Guilherme de Moerbeke (cfr. pp. 50-52). Mas, por à altura não existir uma edição crítica de qualquer das traduções optou pela *translatio nova* de Guilherme de Moerbeke, a *nova translatio*, realizada cerca de 1270. Se o autor usou a *translatio nova*, então o comentário seria necessariamente posterior a esta data.

É, por isso, de crucial importância determinar qual a versão do *De anima* que o autor utiliza. Essa identificação é possível através dos breves lemas que abrem cada lição e com as passagens literalmente citadas na divisão do texto. A maior dificuldade nesta tarefa resulta da própria brevidade dos lemas e dessas citações e do facto de a tradução de Guilherme de Moerbeke ser essencialmente uma revisão da *translatio vetus*, pelo que encontramos uma recorrente coincidência entre os lemas e estas traduções. Torna-se por isso necessária uma comparação sistemática e que tenha em conta o exacto texto usado e as diferenças com qualquer uma das traduções disponíveis no século XIII. No anexo I propõe-se essa comparação e daí pode concluir-se que sempre que há divergências os lemas coincidem com a tradução de Tiago de Veneza, com uma excepção importante.

No que seria o lema do capítulo 4 do livro III, 429a10 (citado na lição 10 do livro II; p. 732, 10-13) patenteia-se a mais evidente divergência com a tradução de Tiago de Veneza. O lema proposto é: «*De parte autem anime qua anima intelligit et sapit*, etc., determinatur de illa que nullius partis corporis est actus et hec est intellectiva». A tradução de Tiago propõe «*De parte autem anime qua cognoscit et sapit*», e dessa está muito próxima a revisão de Guilherme: «*De parte autem anime qua cognoscit anima et sapit*». De facto, o termo «*intelligit*» não ocorre em nenhum dos manuscritos usados nas edições da *translatio vetus* nem na de Guilherme. Ambos preferem «*cognoscit*»,

<sup>39</sup> Cfr. J. BRAMS, *La riscoperta di Aristotele*, cit., pp. 76-79.

<sup>40</sup> Tradução publicada em Averróis, *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, cit., passim.

<sup>41</sup> Cfr. J. BRAMS, *La riscoperta di Aristotele*, cit., pp. 105-133, desta tradução existem duas recensões, cfr. pp. 110, 123, sobre as quais cfr. R.-A. GAUTHIER, «Introduction», em *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, cit., pp. 129\*-172\*.

<sup>42</sup> Existe uma edição crítica recente, mas não definitiva, por R.-A. GAUTHIER, em *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, cit., passim.

<sup>43</sup> Cfr. G. VERBEKE, «Les progrès de l'Aristote latin: le cas du *De anima*», em J. HAMESSE – M. FATTORI (ed.), *Rencontres de Cultures dans la Philosophie Médiévale. Traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIV.e siècle*, Louvain-la-Neuve – Cassino 1990, pp. 187-201; G. VERBEKE – J. BRAMS, «L'Aristote latin et les commentaires latins médiévaux sur Aristote», *Bulletin de philosophie médiévale*, 35 (1992) 9-22; J. BRAMS, «The Latin Aristotle and the Medieval Latin Commentaries», *Bulletin de philosophie médiévale*, 39 (1997) 9-22; IDEM, *La riscoperta di Aristotele*, cit.

onde Pedro Hispano tem de facto «*intelligit*», porque lhe é mais conveniente para afirmar que o capítulo se ocupa da alma intelectual. Ora, essa é justamente a tradução de Miguel Escoto, onde se lê: «*De parte autem anime per quam anima cognoscit et intelligit sapit*». Parece portanto estarmos perante uma contaminação pela tradução de Miguel Escoto do *De anima*<sup>44</sup>, que acompanha o *Grande comentário* de Averróis. O *Grande comentário* é citado por diversas vezes nas *questiones*<sup>45</sup> e esta obra poderá ter sido também usada por Pedro Hispano na organização da divisão do texto e no seu próprio comentário literal do texto de Aristóteles.

Assim, a decisão de M. Alonso de editar com a *Sententia cum questionibus* atribuída a Pedro Hispano a tradução de Guilherme de Moerbeke é desajustada e induz em erro os leitores. Mais tarde, ao publicar um outro comentário ao *De anima*, que por erro atribuiu também a Pedro Hispano<sup>46</sup>, Alonso publica a primeira edição recente da *translatio vetus*, que é a usada nesse comentário<sup>47</sup>. A atribuição deste “segundo” comentário a Pedro Hispano, que Alonso longamente justificou na introdução, advinha de erros clamorosos induzidos sobretudo pelo entusiasmo com que então divulgava a obra filosófica transmitida nos manuscritos como de Pedro Hispano, manuscritos onde, diga-se, este texto está anónimo.

### III. O comentário

O comentário ao *De anima* atribuído a Pedro Hispano é geralmente considerado um dos primeiros a ter sido escrito sobre esta obra em latim. Os manuscritos não são datados e os argumentos aduzidos dependem quase sempre da cronologia reconstruída da vida do seu putativo autor, Petrus Hispanus, ele mesmo identificado com o português Pedro Julião que viria a ser papa sob o nome de João XXI em 1276-1277 e em cujo percurso biográfico conhecido apenas as datas anteriores a 1245 permitiam acolher a

---

<sup>44</sup> *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, cit.

<sup>45</sup> Cfr. o índice de autores citados, p. 779 da ed. Alonso.

<sup>46</sup> O dossier da rejeição da atribuição da *Expositio libro De anima* (cfr. n. seg.) a Pedro Hispano é relativamente extenso (mas menor que o das interpretações das obras que ficaram irremediavelmente diminuídas por considerarem esta obra como genuína) e encontrou a argumentação mais consistente em A. SCHLOGEL, *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken mit besonderer Berücksichtigung der selbsterkenntnislehre. Eine historisch-genetische Untersuchung*, Inaugural dissertation der Hohen Philosophischen Fakultät des Pontificium Athenaeum Sancti Anselmi de Urbe, Pontificium Athenaeum Sancti Anselmi, Roma 1965, pp. 62-328; ver J.M.C. PONTES, *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, cit., pp. 161-173, onde se resumem as posições da obra anterior sobre esta questão de atribuição; ver também R.-A. GAUTHIER, em *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, cit., pp. 236\*-238\*. A questão foi definitivamente clarificada com a descoberta de um novo apógrafo completo (ms. Firenze, BNC, Conv. soppr. G.4.853, ff. 193ra-222va, datado c. 1260-1268) onde se lê a atribuição a um não menos enigmático “Alexander”, cfr. J. BRAMS, «Le premier commentaire médiéval sur le “Traité de l’âme d’Aristote”?», *Recherches de Théologie et Philosophie médiévales* 2001 (68) 213-227. Este comentário foi também atribuído a Ricardo Rufo da Cornualha, mas com base em argumentos de comparação estilística que não têm merecido crédito, R. WOOD, «Richard Rufus’ *De anima* Commentary: The Earliest Known, Surviving, Western *De anima* Commentary», *Medieval Philosophy and Theology*, 10 (2001) 119-156.

<sup>47</sup> *Expositio libri de anima*, em Pedro Hispano, *Obras Filosóficas III*, ed. M. Alonso, CSIC, Madrid 1952, pp. 89-401 passim. Manuel Alonso já na introdução à edição do *Comentário*, em 1944 (cfr. p. 39), manifestava a convicção de a *Expositio* ser de Pedro Hispano.

hipótese de que pudesse ter então alguma actividade relacionada com uma Faculdade de Artes, porque naquele ano aparece já a ensinar medicina em Siena.

O comentário como modo de interpretação e explicação de uma obra, seja com um fim didáctico, seja com um fim doutrinário, seja com um fim heurístico ou mesmo polémico era praticado desde a antiguidade grega. A primeira consequência deste estudo é que o autor da obra comentada é por esse mesmo gesto instituído em *autoridade*. Os mestres medievais adoptaram as diferentes variantes da técnica de comentário aplicando-as também a obras teológicas e mesmo ao texto bíblico desde a alta Idade Média. No século XIII multiplicam-se os modelos de comentário de obras em todas as faculdades, principalmente nas de Artes, de Teologia e de Medicina<sup>48</sup>, com uma variada técnica de procedimentos e um amplo vocabulário que os caracteriza<sup>49</sup>.

Desde a antiguidade greco-romana que a recepção das obras de Aristóteles beneficiou deste procedimento interpretativo nomeadamente nas obras lógicas<sup>50</sup>, as primeiras a ser acolhidas nas escolas medievais<sup>51</sup>. Antes do século XII são raros os comentários contínuos de obras lógicas de Aristóteles, quase sempre limitados a glosas marginais e interlineares<sup>52</sup>. Desde o século XII encontramos fixados nas suas linhas gerais os diferentes modelos de comentário (escólio e glosa, comentário literal, sentença, problema) e mesmo a sua combinação com a discussão de questões<sup>53</sup>. Na Faculdade de Artes a generalidade das obras de Aristóteles será submetida a este esquema de discussão exegética<sup>54</sup>. É nessa tradição que se enxerta o comentário atribuído a Pedro Hispano sobre o *De anima*, o que explica que tenha uma estrutura complexa, que

---

<sup>48</sup> Para Artes: O. WEIJERS, *Le maniement du savoir. Pratiques intellectuelles à l'époque des premières universités (XIII<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup> siècles)*, (Studia artistarum. Études sur la Faculté des arts dans les Universités médiévales. Subsidia) Brepols, Turnhout 1996, em particular o cap. 3 («Les cours: méthodes et pratiques», pp. 39-59); F. DEL PUNTA, «The Genre of Commentaries in the Middle Ages», cit. e O. WEIJERS, «La structure des commentaires philosophiques à la Faculté des arts: quelques observations», em G. FIORAVANTI – C. LEONARDI – S. PERFETTI (eds.), *Il commento filosofico nell'occidente latino (secc. XIII-XV)*, cit., pp. 17-41. Para Teologia: P. GLORIEUX, «L'enseignement au Moyen Age. Techniques et méthodes en usage à la Faculté de Théologie au XIII<sup>e</sup> siècle», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du moyen âge*, 43 (1968) 65-186. Para Medicina: C. O'BOYLE, *The Art of Medicine. Medical Teaching at the University of Paris, 1250-1400*, (Education and Society in the Middle Ages and Renaissance, 9) E.J. Brill, Leiden 1998.

<sup>49</sup> A terminologia técnica do ensino e das ciências é estudado em M. TEEUWEN, *The Vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages* (Études sur le vocabulaire intellectuel du Moyen Âge, 10) Brepols, Turnhout 2003, livro que foi particularmente útil, mesmo quando não citado, para compreender o vocabulário específico e os métodos usados no comentário aqui analisado.

<sup>50</sup> Para um rápido conspecto e bibliografia sobre as modalidades dos comentários a Aristóteles, em particular entre o séc. I a.C e após Boécio, no séc. VI, cfr. A. FALCON, «Commentators on Aristotle», em E.N. ZALTA (ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (verificado em Dezembro de 2005, URL = <http://plato.stanford.edu/entries/aristotle-commentators/>). Acaba de ser publicada a tradução de uma colectânea de comentários a antigos Aristóteles por R. SORABJI (ed.), *The Philosophy of the Commentators 200-600 AD. A Sourcebook*, 3 vol.: 1 *Psychology*; 2 *Physics*; 3 *Logic and Metaphysics*, Duckworth, London – Ithaca, NY 2005.

<sup>51</sup> S. EBBESEN, «Medieval Latin Glosses and Commentaries on Aristotelian Logical Texts of the Twelfth and Thirteenth Centuries», em Ch. BURNETT (ed.), *Glosses and Commentaries on Aristotelian Logical Texts*, (Warburg Institute Surveys and Texts, 23) Warburg Institute, London 1993, pp. 129-177; para o período anterior veja-se o estudo de J. MARENBO, «Medieval Latin Commentaries and Glosses on Aristotelian Logical Texts, before c. 1150 AD», *Ibidem*, pp. 76-127, reimpresso em J. MARENBO, *Aristotelian Logic, Platonism and the Context of Early Medieval Philosophy in the West*, (Variorum collected Studies series, CS696) Ashgate, Aldershot 2000, estudo # II, com corrigenda).

<sup>52</sup> MARENBO «Medieval Latin Commentaries and Glosses», cit., p. 83.

<sup>53</sup> MARENBO «Medieval Latin Commentaries and Glosses», cit., pp. 85-86.

<sup>54</sup> Têm mesmo sido exploradas de modo sistemático as tradições formadas em torno de obras

não seria de esperar num dos primeiros comentários realizados sobre esta obra entre os latinos<sup>55</sup>.

O comentário propriamente dito é constituído por *lições* e cada *lectio* comporta distintas partes, bem delimitadas por locuções características:

- 1) <*Inscriptio*>. É uma espécie de *título* da lição, um preâmbulo mínimo com uma breve frase que faz a ligação com a lição anterior ou enuncia de modo geral o conteúdo da lição, mas nem todas o possuem, sendo o da 1ª lição do livro II um dos mais ilustrativos e interessantes, porque contextualiza a lição, divide o texto, marca a sequência: «Incipit expositio secundi tractatus continens duodecim capitula. In primo autem capitulo agitur de essentia ipsius anime sermone universali et continet quatuor paragraphos. In primo autem continente tres distinctiones anime inquiritur diffinitio universalis. Continuatio intensionis» (II, 1; p. 489, 3-9). O mais extenso de todos é o que abre a lição 8, onde o autor localiza o início do *tractatus primus*, de que traça aí mesmo as divisões gerais (I, 8; p. 317, 2-13). Na maioria dos títulos sublinha-se a «Continuatio intensionis», como modo de abrir para o que se segue de imediato. Um título encontra-se também no início do primeiro problema preambular, mas falta nas lições 12-15 do livro I.
- 2) <*Lemma*>. Transcrição das quatro ou cinco primeiras palavras da porção do texto de Aristóteles. Aristóteles; a que a lição diz respeito, seguidas da expressão *et cetera* para abreviar a suspender a transcrição de toda a *lectio* a estudar. Não é introduzida por qualquer fórmula especial, mas no manuscrito tem destaque gráfico com módulo maior e sublinhado. As citações do *De anima* no interior do texto também aparecem sublinhadas (cfr. fac-simile do f. 56ra do manuscrito de Cracóvia antes da p. 181 da ed. Alonso).
- 3) <*Ordinatio*>. Breve juízo metodológico, com eventual referência ao tema precedente e anúncio do tema que se segue, que pode até situar o texto da lição na totalidade da obra, ou numa das suas partes. É, em geral, uma introdução à *divisio*, mas é dela distinta, como se pode ver na segunda lição: «In parte precedenti determinata est excellentia nobilitatis huius scientie que est ratione. Certitudinis demonstrationis et ratione nobilitatis subiecti. Et tacta est utilitas quam affert hec scientia omnibus scientiis et maxime scientie rerum naturalium. In hac autem parte manifestatur intensio circa subiectum huius scientie et circa que de ipso in hac scientia sunt inquirenda. Divisio...» (I, 2; pp. 209-210). Esta ordenação mostra a capilaridade do texto, contrastando com a atomização feita na *divisio*, uma espécie de divisão celular do texto, como se houvesse uma invisível membrana a separar entre si as diferentes

---

particulares: J.M.M.H. THIJSSSEN – H.A.G. BRAAKHUIS (eds.), *The Commentary Tradition on Aristotle's "De generatione et corruptione"*. *Ancient, Medieval and Early Modern*, (Studia Artistarum), Brepols publishers, Turnhout, 1999.

<sup>55</sup> O. WEIJERS, «La structure des commentaires philosophiques», cit., pp. 20-21 partilha a proposta de datação avançada por Gauthier e considera-o o mais antigo exemplo de comentário segundo o modelo da *sententia cum questionibus*, cuja estrutura tripartida descreve: «Ce commentaire est divisé en *lectiones* et chaque *lectio* comprend trois parties: la *divisio textus*, la *sententia* et les *questiones*. La *sententia* ne donne qu'un résumé du contenu doctrinal du passage, sans explication détaillée du texte, tandis que les questions concernent des points difficiles et développent davantage la doctrine. Ces questions ont la structure des questions disputés simples, telle qu'elle sera appliquée dans les commentaires sous la forme de *questiones*».

proposições. O autor não a designa como *ordinatio*, mas há pelo menos dois casos em que, já ao fazer a *divisio*, procura evidenciar razões internas para a ordem dos temas no *De anima*: «Et ordo patet ex significatione ipsius sermonis» (II, 1; p. 490, 8-9) e pouco depois: «Ordo autem patet ex duplici causa» (*ibidem*, linhas 19-20), ou em «Ordo autem manifestus est cum secunda pars se habeat ex additione ad primam. Illius autem partis intensio in sequentibus evidentiis declarabitur» (II, 1; p. 492, 14-17).

- 4) *Divisio textus*. Divisão do texto do *De anima* comentado na lição, em alguns casos integrada numa mais ampla divisão geral da obra (como acontece na primeira lição de cada livro) até enquadrar a parte que será objecto de comentário. Começa sempre com o título «Divisio», seguindo-se uma expressão como «Recipit autem hec scientia divisionem in duas partes principales. In quarum prima...» (I, 1; 181, 8-9), multiplicando-se as divisões até esgotar todo o texto em consideração. O início de cada parte ou sub-parte é assinalado com a citação do respectivo *lemma*, seguindo o modo «In secunda scilicet in hac: ...». Quando na *divisio* expõe uma secção de texto que abrange várias lições, indica sempre qual o trecho a que a lição diz respeito: «Prima autem pars spectat ad presentem lectionem. Est igitur intensio in presenti lectione determinare...» (I, 1; 182, 7-8)<sup>56</sup>.
- 5) *Divisionis recollectio*. Resumo da divisão do texto feita imediatamente antes. É sempre introduzida pelo título «Divisionis recollectio». Cada parte é numerada sequencialmente sem ter em conta o entrelaçamento de subdivisões ou subdivisões de divisões, como acontecia na *divisio*. Começa sempre com a frase «Sunt igitur in presenti lectione partes IIIor» ou número apropriado, seguindo-se a respectiva exposição: «In quarum prima tangitur...», «In secunda concluditur...», «In tertia tangitur...», etc. Termina sempre com a frase «Hec autem est divisio huius partis» ou similar.
- 6) *Sententia*. Exposição das sentenças (*sententiae*) ou proposições defendidas por Aristóteles em cada uma das partes do texto antes identificadas e na sua exacta sequência e numeração. Começam sempre «Sententie/Summa prime partis: ...», «Sententia/Summa secunde partis...», etc. Em geral, a exposição das *sententiae* conclui-se por uma fórmula como: «Et sic manifestatur intensio huius partis» (I, 1; p. 184, 17); «Et in hiis completur manifestatio huius partis» (I, 2; p. 214, 4); «Et sic declaratur intensio huius partis» (I, 3; p. 241, 33); «Et sic manifestatur intensio philosophi in hac parte» (I, 4; p. 256, 1); ou, para dar apenas mais um exemplo: «Et sic declaratur intentio philosophi circa hanc partem» (I,7; p. 274, 19).
- 7) *Quaestiones*. Esta é a segunda parte do comentário, uma vez que todas as anteriores pertencem ao comentário textual. Para o mestre as questões estão indirectamente ligadas ao texto de Aristóteles e são apresentadas como tendo o fim de clarificar o que foi dito antes: «Ad maiorem autem evidentiam predictorum quinque questiones incidunt inquirende» (I, 1; p. 184, 10-20), expressão que se repete em cada lição antes da (7a) enumeração das questões («Prima autem est... Secunda est...», etc.), as quais são depois (7b) discutidas

<sup>56</sup> Segundo Olga Weijers a *divisio* «Sert sans doute principalement à faciliter la mémorisation», *Le maniement du savoir*, cit, p. 44.

uma a uma, começando com uma expressão como: «Circa primam sic proceditur et queritur...». Cada questão, que por vezes pode ainda ser subdividida em várias sub-questões, tem as seguintes partes: *quaestio*, *rationes*, *ad oppositum*, *solutio*, *ad rationes*. Em algumas lições as questões discutidas em 7b não correspondem ao anunciado em 7a<sup>57</sup>. Por vezes as questões não são apenas sequenciais, mas múltiplas, havendo uma série de questões paralelas para uma mesma questão principal, procedimento que é mais evidente nas questões preambulares.

A presença sistemática destas partes nas lições e a utilização das fórmulas que as caracterizam, tornam-nas estanques entre si, não havendo nem inversão de ordem, nem o prolongamento de uma parte na outra<sup>58</sup>. O mesmo esquema é sempre aplicado em todas as lições.

### III. 1. Divisio textus

O comentário centra-se, portanto, no texto de Aristóteles. Aristóteles; (partes 1 a 6 no elenco anterior) começando por dividi-lo, como era prática corrente<sup>59</sup>, para evidenciar a articulação temática entre todas as partes e a estrutura lógica que a sustenta<sup>60</sup>. Para o mestre que pratica a arte da divisão do texto é como se se tratasse de descobrir o

---

<sup>57</sup> As questões possuem uma metodologia diversa da do comentário e a edição de Alonso também neste aspecto enferma de diversas lacunas, que convém clarificar. Por essa razão as *questiones* serão objecto de um estudo separado. Essa análise reveste-se de particular importância, porque, como foi já assinalado, o ponto focal da evolução do comentário medieval é a presença, posição e extensão da *questio*, cfr. F. DEL PUNTA, «The Genre of Commentaries in the Middle Ages», cit., pp. 141 e 144. Estão traduzidas para português 8 séries de questões de outras tantas lições, agora reunidas em: Pedro Hispano, *Lições sobre a alma. Textos escolhidos*, trad. A.S. PINHEIRO, (Textos filosóficos, 6) Universidade Católica Portuguesa, Braga 2005 (trata-se de reedição de traduções publicadas na *Revista Portuguesa de Filosofia* entre 1989 e 1992).

<sup>58</sup> Há mesmo assim algumas excepções, como na lição 13 do livro I, onde se eliminam algumas destas partes: sem título, assimila a *ordinatio à divisio*, falta a *divisionis recollectio*; mas, pode trata-se de anomalia induzida pela cópia. Em algumas raras lições não surge a *divisio textus* e a *sententia*, por exemplo a lição 7 do livro I apenas tem o início da *divisio*, passando de imediato às *questiones* (cfr. p. 306, 28-29). Na lição 15 do mesmo livro falta a explicação das sentenças 2 a 5, mas, aparentemente por defeito do manuscrito que aqui tem a coluna em branco (cfr. p. 469, 19-20), ou o copista deixou o espaço porque se apercebeu de que no seu *exemplar* faltava texto. Há outras lacunas, em geral assinaladas por Alonso, cfr. nas pp. 341, 30; 365, 8; 469, 19-20. Uma explicação de algumas destas lacunas e sua supressão encontra-se em J.M.C. PONTES, «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima*», cit. A lacuna mais importante é a inexistência, talvez intencional, de lições sobre a segunda metade do livro I (cfr. p. 464, nota de Alonso após transcrição de Aristóteles).

<sup>59</sup> «Interest in a detailed structural analysis of Aristotele's text continued in the thirteenth century when it became common to start the commentary with a division of the text into its main parts. Then came sub- and sub-divisions of part 1, until the chunk of text to be commented on first is reached.» S. EBBESEN, «Medieval Latin Glosses and Commentaries», cit., p. 135.

<sup>60</sup> Sobre a *divisio textus* veja-se o início do estudo de M. BERTAGNA, «La *divisio textus* nel commento di Egidio Romano agli *Analitici Posteriori*, Parte I», *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale*, 13 (2002) 285-371. A divisão do texto e outras técnicas e locuções específicas dos comentários medievais são analisadas em diversos outros estudos publicados na mesma revista, nomeadamente os de S. DONATI, «Per lo studio dei commenti alla *Fisica* del XIII secolo. I», *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale*, II, 2 (1991) 363-441 e «Il commento alla fisica de Adamo di Bocfeld», *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale*, 9 (1999) 233-297, cfr. pp. 291-7.

plano escondido de Aristóteles no trabalho de escrita da sua obra, pressupondo portanto que esse plano embora latente existe e presidiu à sua composição. Para além de explicar cada afirmação, o mestre precisa de a inserir na estrutura da obra. Poderíamos pensar que usa de algum manual onde este trabalho de divisão estivesse feito e que bastaria repetir, com alguma ou outra adaptação pessoal<sup>61</sup>. Pelo menos no início não é isso que acontece. Pelo contrário, os mestres propõem as suas próprias variantes na divisão do texto, o que mostra que cada curso exigia uma preparação global prévia, que depois se concretizava nas lições. E o número de lições poderia depender de muitos factores, como hoje, nomeadamente o tempo lectivo que o mestre tinha à sua disposição para ler e discutir o texto, o número de semanas em que o poderia fazer e a rapidez com que poderia progredir no trabalho com os estudantes. Uma comparação superficial permite constatar que, aparte as grandes divisões, as divisões de promenor não coincidem, por exemplo, com as de Averróis no *Grande comentário*, nem com as do Anónimo de Gauthier, nem com as do Anónimo de Bazán<sup>62</sup>, sobretudo porque o comentário atribuído a Pedro Hispano é mais prolixo. Mesmo assim, como se pode verificar no Anexo I, há coincidências muito evidentes na divisão do *De anima* entre as obras citadas, pelo que é possível pressupor que circulassem desde cedo textos que terão contribuído para fixar e difundir essas divisões. Para além do *Comentário* de Averróis também este comentário, se se confirmar a sua precocidade, poderia ter contribuído para essa fixação. Apenas um estudo comparativo de pormenor poderia confirmá-lo e determinar linhas de evolução na técnica de divisão do texto do *De anima*, método de trabalho que será progressivamente abandonado, o que testemunha a sua limitação heurística.

Entretanto, vejamos como o nosso mestre propõe ao seu auditório a divisão do texto do *De anima* de Aristóteles. Logo na primeira divisão do texto refere-se à obra comentada, o *De anima*, como *scientia* propondo a sua divisão geral em duas partes, segundo o seu conteúdo e respectivo modo de o abordar:

Recipit autem *hec scientia* divisionem in duas partes principales. In quarum prima determinantur quedam antecedentia preambula que ante substantiam *scientie* et eius necessitatem preexiguntur. In secunda scilicet in hac: “Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet” [Arist., *De anima*, I, 2; 403b20] etc., determinatur executio circa principale propositum huius scientie<sup>63</sup>.

---

<sup>61</sup> É mesmo provável que existissem versões didácticas do *De anima*, com esquemas gráficos de divisão e subdivisão de partes em *arbor ramificata*, com linhas pluri ou bifurcadas, setas e sinais convencionais. Estes procedimentos de *divisio* e esquematização do texto podem verificar-se, talvez pela primeira vez, em manuscritos com os *Comentários às Sentenças de Pedro Lombardo* por Roberto Fishacre (†1248), cfr. R.J. LONG – M. O’CARROLL, *The Life and Works of Richard Fishacre OP. Prolegomena to the Edition of his Commentary of the Sentences*, Bayerische Akademie der Wissenschaften, München 1992 (p. 55 e n. 20; fig. 7, 8, 10, 14, 15, 16, 29, 30, 31). No *Templum Dei*, Roberto Grosseteste também utiliza árvores ramificadas (cfr. L. SMITH, *Masters of the Sacred Page. Manuscripts of Theology in the Latin West to 1274*, University of Notre Dame Press, Notre Dame, Ind. 2001, cfr. nr. 28, pp. 155-158). Em alguns dos mss. de Roberto Fishacre são mesmo utilizados os símbolos de ramificação grossetestianos.

<sup>62</sup> Mas, assinala-se que, com uma ou duas excepções, todas as lições começam no início de textos de Averróis (ver paralelos no Anexo I). Para as obras citadas, ver atrás notas 38 e 40. Bazán oferece no início de cada lição esquemas em árvore que permitem visualizar a divisão do texto do *De anima* nelas comentado.

<sup>63</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*; ed. Alonso, p. 181, 9-15.



A primeira parte inclui apenas o *prohemium* e corresponde ao capítulo 1 do livro I do *De anima*, onde «são determinados certos preâmbulos antecedentes que são exigidos pela substância e necessidade da ciência». A segunda parte é a *exsecutio*, abrangendo todo o resto da obra, ou seja, desde o capítulo 2 do livro I até ao final do livro III, e aqui Aristóteles concretiza «o propósito principal desta ciência».

Os mestres de artes costumam identificar em cada obra de Aristóteles um proémio contendo a indicação *geral* do que será depois discutido de modo *especial* e particular no tratado<sup>64</sup>, o qual se pode dividir em vários livros ou outras distinções. É esta tradição que o mestre aqui segue e quanto à localização propriamente dita do fim do proémio e início do tratado e dos respectivos livros e capítulos indica a mesma que se encontrará em geral na tradição latina<sup>65</sup>.

Logo após o texto antes citado, o autor prossegue a divisão estrutural do *De anima* até se localizar na passagem ou parte (*pars*) que quer comentar:

Prima autem *pars* [sc. Prohemium] dividitur in duas. In quarum prima determinatur excellentia nobilitatis huius scientie, propter quam aliis preponitur et iuvementum quod omnibus scientiis affert. In secunda scilicet in hac: "Inquirimus autem cognoscere et considerare naturam ipsius et substantiam [Arist., *De anima*, 402a7]", etc., determinatur manifestatio eorum circa que est intensio in hac scientia et modus procedendi circa ipsam.

Prima autem *pars* spectat ad presentem *lectionem*. Est igitur *intensio* in presenti *lectione* determinare excellentiam nobilitatis huius scientie propter quam aliis preordinatur et utilitatem quam affert aliis scientiis<sup>66</sup>.

Delimitado o texto, como aqui lemos, a unidade do comentário é portanto a *lectio*, que corresponde ao estudo de uma parte de texto que tem uma *intensio* própria que o comentário pretende tornar evidente a partir da determinação da *intensio* de cada uma das proposições que o compõem.

Contudo, tendo em conta o texto editado, parece que o autor abandona a designação *lectio*, preferindo dar-lhe o nome *distinctio*: «*Distinctio* secunda huius capituli de assignatione eorum que de anima intenduntur in hac scientia. Continuatio intensionis<sup>67</sup>, o mesmo acontecendo nas 5 lições seguintes<sup>68</sup>. Poderíamos então ser levados a concluir que o autor de facto não divide o texto em *lectiones* mas em

---

<sup>64</sup> Apenas um exemplo, veja-se Pedro de Hibernia: «In parte prohemiali semper uniuersaliter determinatur de quibus est intentio; in tractatu uero particulariter», Magistri Petri de Ybernia, *Expositio et quaestiones in Aristotelis librum de longitudine et breuitate vitae (ex cod. Vat. lat. 825, ff. 92r-102r)*, ed. and introd. M. DUNNE, (Philosophes médiévaux, 30) Ed. de l'Institut Supérieur de Philosophie – Peeters, Louvain-la-Neuve – Paris 1993, p. 8.

<sup>65</sup> Vejam-se, por exemplo, o Anónimo de Gauthier (*Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata*, ed. cit., p. 4) e Tomás de Aquino (*Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, Ed. Gauthier, cit., pp. 13-14).

<sup>66</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, I,1; ed. Alonso, p. 182, 7-10.

<sup>67</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, I, 2; ed. Alonso, p. 209, 2-3.

<sup>68</sup> Cfr.: «*Distinctio* tertia de manifestatione eorum que de anima inquirenda sunt circa substantiam anime et eius differentias. Continuatio intensionis» (p. 237, 2-5); «*Distinctio* quarta de comparatione et ordine substantie, differentiarum et potenciarum et obiectorum anime ad invicem, in qua denotatur ordo processus. Continuatio <intensionis>» (p. 253, 2-5); «*Distinctio* quinta de necessitate utriusque vie predictae. Continuatio intensionis» (p. 271, 1-2); «*Distinctio* sexta de dubitatione circa comparationem passionum anime ad ipsam et...» (p. 281, 2-3); «*Distinctio* septima de assignatione differentie modi diffiniendi et...» (p. 305, 2-3).

*distinctiones*. Mas, no resto do livro I não voltamos a encontrar esta designação, que reencontramos apenas no livro II e é aí que podemos compreender a que corresponde exactamente a *distinctio*. Anuncia assim no início do comentário do livro II:

Incipit expositio secundi *tractatus* continens *duodecim capitula*. In primo autem *capitulo* agitur de essentia ipsius anime sermone universali et continet *quatuor paragraphos*. In primo autem continente *tres distinctiones* anime inquiritur diffinitio universalis. Continuatio intensionis<sup>69</sup>.

Apresenta-se aqui a divisão geral da estrutura do Tratado II: divide-se em 12 capítulos, o primeiro capítulo divide-se em 4 parágrafos, o primeiro parágrafo divide-se em 3 *distinctiones*. Portanto, não há qualquer confusão entre *pars*, *tractatus*, *capitulum*, *paragraphus*, *distinctio*, *particula*.

O *capitulum* é uma unidade forte da divisão do texto, como se comprova pelo facto de ser inserido um autêntico colofão no final da exposição de um deles:

Et sic declaratur intensio huius partis. Et terminatum est hoc *capitulum* in quo philosophorum opiniones recitantur. Laudetur autem Deus cuius nomen est gloriosum et sublime<sup>70</sup>.

A *distinctio* é apenas uma divisão última do texto de Aristóteles cujas partes, tratados, capítulos ou parágrafos se podem dividir em *distinctiones*, como aconteceu já no proémio, que dividira em sete *distinctiones*, e como acontecerá ao longo do livro II, com as três primeiras lições a corresponderem às três referidas distinções do primeiro parágrafo do primeiro capítulo<sup>71</sup>, as lições IV-VI correspondem às três *distinctiones* do terceiro parágrafo do primeiro capítulo<sup>72</sup>, as lições X e XI correspondem às duas primeiras *distinctiones* do primeiro parágrafo do terceiro capítulo<sup>73</sup>, etc. A *distinctio* é, portanto, diversa da *lectio* porque esta é a unidade de exposição e a *distinctio* é uma divisão do texto que pode ser exposta em uma ou mais lições.

A *particula* é uma divisão da *pars* do texto de uma dada *lectio*. Parece ocorrer apenas três vezes (a primeira em I, 2; p. 210, 21) e indica as mínimas partes de texto em que podem ser divididas as partes de texto que expressam opiniões do filósofo e que, por isso, devem ser dilucidadas na exposição das *sententiae*: «In narratione autem intensionis philosophi minime particule distinguuntur» (I, 9; p. 341, 11-13). Na última ocorrência parece mesmo sinónimo de *pars*: «Circa primam partem procedit philosophus hoc modo: In illa particula quatuor proponit» (I, 14; p. 446, 21-22).

Quando o autor faz a divisão do texto e se localiza no que vai comentar prefere a designação *lectio*, como constatámos, a título de exemplo, em cada um dos casos correspondentes às primeiras cinco lições do livro I: «Prima autem pars spectat ad presentem *lectionem*. Est igitur intensio in presenti *lectione* determinare» (I, 1; p. 182, 7-8); «Prima autem pars spectat ad presentem *lectionem* et sic patet circa quod est intensio in hac parte» (I, 2; p. 210, 11-12); «Due autem prime partes spectant ad presentem *lectionem*, secundum quas recipit presens *lectio* divisionem in duas partes»

<sup>69</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, II, 1; ed. Alonso, p. 489, 2-9.

<sup>70</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, II, 14; p. 449, 6-10.

<sup>71</sup> Cfr. Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*; ed. Alonso, pp. 489, 537, 569.

<sup>72</sup> Cfr. Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*; ed. Alonso, pp. 591, 625, 645.

<sup>73</sup> Cfr. Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*; ed. Alonso, pp. 731, 753.

(I, 3; p. 238, 20-22); «Prima autem pars spectat ad presentem *lectionem*» (I, 4; p. 254, 10); «(...) et hec pars spectat ad presentem *lectionem* et sic patet universaliter intensio in hac parte» (I, 5; p. 272, 1-2).

Contudo, em outras passagens encontramos uma segunda designação, *speculatio*: «Prima autem pars spectat ad presentem *speculationem*» (I, 6; p. 284, 22-23); «Prima autem pars cum parte prohemiali spectat ad *speculationem* presentem» (I, 7; p. 319, 31-32); «Prima autem pars spectat ad presentem *speculationem*» (I, 8; p. 492, 32-34)<sup>74</sup>.

Não se trata de um equívoco, porque justamente em dois locais o autor dá a exacta equivalência entre *lectio* e *speculatio*: «et hec pars spectat ad presentem *lectionem sive speculationem* cuius intensio patet ex predictis» (I, 7; p. 306, 19-20), «Prime autem due partes spectant ad presentem *lectionem sive speculationem* secundum quas recipit presens lectio divisionem in duas partes, in quarum prima tangit opinionem Democriti et Leucipi» (I, 9; p. 340, 14-16)<sup>75</sup>.

O autor fornece na última questão (apenas composta por pergunta e solução) do segundo problema preambular a razão da divisão do texto da obra, entendida como *scientia*:

Vicissima questio est que est causa distinctionis scientie a scientia et partium scientie ad invicem. (...)

*Solutio.* Dicendum est quod diversitas ista provenit a parte subiecti et a parte eorum que in subiecto indicantur. Set hec diversitas multiplex est. (...) Etenim quoddam subiectum distinguitur ab altero subiecto secundum genus abstractionis sicut res coniuncta motui et materie distinguitur a re omnino separata a materia et a motu et ab illa que est coniuncta secundum esse, separata secundum diffinitionem et hec diversitas facit diversitatem diffinitionum in scientiis principalibus sicut in partibus philosophie principalibus. Est autem alia diversitas que est per additionem dispositionis supra subiectum que dispositio est alterius nature. Et sic linea visualis addit supra lineam simpliciter et hec diversitas facit separationem scientie per modum subalternationis. Linea enim visualis addit supra lineam simpliciter aliud principium, scilicet, visibile quod est alterius nature, quia est a principio nature et subalternatur scientia de linea visuali scientie de linea simpliciter. Tertia diversitas est que attenditur inter partes integrantes subiecti alicuius vel eorum que ad principale subiectum concurrunt que partes addunt aliquas proprietates et passiones supra subiectum, que tamen sunt eiusdem abstractionis. Et hec diversitas facit *separationem librorum* principalium qui ad invicem diversas passiones habent que partes concurrunt sub diversis partibus principalibus. Et hec facit *diversitatem capitulorum*. Quarta diversitas est que est ratione diversarum conclusionum et passionis que probantur de eadem parte subiecti. Et hec facit distinctionem in *paragraphis* in scientia. Hec autem distinctio scientie penes diversitates predictas non procedit secundum exigentiam traditionis nostre; set secundum exigentiam rerum et status scientie et ratione ipsius<sup>76</sup>.

Para o autor há uma razão intrínseca para a divisão do texto de cada ciência, ela não é o recurso artificial a que recorre o mestre para a sua exposição (*non procedit secundum exigentiam traditionis nostre*). Pelo contrário, a divisão é uma exigência

<sup>74</sup> Cfr. também lições II, 1 (p. 538, 8), II, 5 (p. 627, 9-10), II, 6 (p. 646, 1-2), II, 8 (p. 694, 24-25), II, 9 (p. 713, 10).

<sup>75</sup> Cfr. a mesma equivalência em «et spectat ad presentem *lectionem* hec pars sive ad presentem *speculationem*» (II, 7, p. 672, 1-2).

<sup>76</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, Probl. II, q. 20, pp. 106-107.

do próprio objecto, assim como do estado e dos argumentos da ciência que deles se ocupa (*set secundum exigentiam rerum et status scientie et ratione ipsius*).

Por isso, a divisão de cada parte do texto é minuciosa e com ela o autor pretende destacar e aclarar cada uma das afirmações de Aristóteles.

O *De anima* é dividido em duas grandes partes; o próêmio e a execução. O *probemium* do *De anima* de Aristóteles é dividido em 7 grandes secções e posteriormente dividido. Por sua vez a *executio* divide-se em várias partes, que o autor subdividirá na lição 8, quando começa a explicar justamente a *executio*. As primeiras sete lições do livro I explicam o *probemium* do *De anima*, que o autor dividira em 7 *distinctiones*, que dão outras tantas *lectiones*. Assim, a *pars probemialis* que corresponde a *De anima* I, 1 é desenvolvida nas primeiras sete lições.

A *pars executiva* tem ela própria duas partes uma sobre as opiniões dos antigos (I, 2-4: «in qua philosophus aliorum opiniones narrat et rationes ipsarum et ipsas improbat», p. 490, 13-14) e outra sobre a doutrina da alma (livros II e III: «determinat philosophus de anima secundum viam veritatis», p. 490, 14-15). O *Tractatus* I começa em 403b20 (I, 2) e é dividido em dois capítulos, um sobre as opiniões dos antigos, o segundo sobre a sua refutação (cfr. I, 8, p. 317, 2-7), dedicando-lhe oito lições.

Mas, não tem sido assinalado que, de facto, falta no comentário uma longa porção do livro I do *De anima* (final do cap. 3 e capp. 4 e 5 na íntegra: 406a30-412a2), embora as suas principais divisões sejam indicadas no início da última lição do livro I, pp. 463, 8-465, 13. O autor não dá qualquer explicação para a inexistência de comentário a esta parte do *De anima*. O comentário do livro II também é incompleto, terminando na lição 11 relativa ao texto de *De anima* 417b7-415b26. E, sobretudo, falta o comentário de todo o livro III.

O que quer dizer que o comentário subsistente apenas abrange cerca de um terço da obra de Aristóteles de 402a1 a 406a29 e de 412a3a 415b26.

O autor pretendia comentar a parte que falta nos manuscritos, como o próprio anuncia na *divisio textus* da lição 1 do livro II, onde refere a última divisão da obra que englobava o final do livro II e todo o livro III:

Illa autem secunda continet partem secundi tractatus et totum tercium et in prima eius parte determinatur de differentia anime que est vegetabilis et de illa que est sensibilis. In secunda que continet tercium tractatum, determinatur de anima intellectiva. *Et processus huiusmodi distinctionis in suis patebit locis*<sup>77</sup>.

Ou quando algumas linhas mais à frente faz a divisão da primeira parte do mesmo conjunto dos livros II-III, a qual divide também em duas partes, sobre a segunda, que começa em *Quoniam autem ex incertis*, e trata da definição da alma e sua existência no corpo, diz:

Ordo autem manifestus est cum secunda pars se habeat ex additione ad primam. *Illius autem partis intensio in sequentibus evidentius declarabitur*<sup>78</sup>.

Esta parte encontra-se efectivamente na lição II, 4, mas a outra não subsistiu em nenhum dos dois manuscritos.

<sup>77</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, II, 1; ed. Alonso, pp. 491, 30-492, 2.

<sup>78</sup> Idem, *ibidem*, p. 492, 14-17.

No Anexo II propõe-se uma esquematização exemplificativa da *divisio* do texto do *De anima* de Aristóteles, que estrutura o curso proferido por este mestre de Artes.

### III. 2. A *divisio textus* e a *sententia Aristotelis*

A divisão do texto não se destina apenas a localizar o bloco que será comentado em cada lição, como o primeiro elemento orientador, a explicitação da *ordo* do texto e as suas articulações, poderia indicar. A identificação de uma precisa *intensio Aristotelis* em cada parte e em cada frase é o princípio e o objectivo da divisão do texto, que é retalhado em curtas proposições, cada uma das quais é individualmente explicada na *sententia* com a evidenciação da *intentio auctoris*. A *divisio* é tão minuciosa que o autor necessita de fazer em cada lição o resumo ou revisão da divisão do texto comentado (a *divisionis recollectio*), onde cada parte da divisão é sequencialmente numerada. Um exemplo deste procedimento usado em cada lição:

Divisionis recollectio: Sunt igitur in presenti lectione partes quinque, in quarum *prima inducit* quasdam similitudines ad ostendendum comparisonem anime ad corpus secundum certum genus cause. *In secunda* ad hanc comparisonem ostendendam *tangit* proportionem perfectionis proprie ad proprium perfectibile. *In tertia assignat* ex predictis comparisonem anime ad corpus secundum certum genus cause. *In quarta confirmat* intensionem suam per opinionem aliorum. *In quinta concludit* ex omnibus predictis intensionem suam. Hec est divisio huius partis<sup>79</sup>.

Ao contrário do que acontece nesta lição em que há variabilidade na identificação da acção de Aristóteles em cada parte (*inducit, tangit, assignat, confirmat, concludit*), na maior parte dos casos o autor limita-se a dizer que Aristóteles mostra (*ostendit*) ou toca (*tangit*) este ou aquela assunto.

Após o resumo da divisão, invariavelmente concluído com a expressão «Haec autem est divisio huius partis», vem o comentário propriamente dito, que neste curso não é senão a *manifestatio* ou descoberta das conclusões (*sententiae*) de Aristóteles em cada uma das partes do texto dividido. Existe uma metódica determinação das sentenças de Aristóteles parte por parte, começando sempre com a repetitiva expressão: «Sententia prime partis:...», «Sententia secunde partis:...», «Sententia tercie partis:...», etc. Mas, nas lições 2-8 do livro I é usada a expressão *summa*: «Summa prime partis:...», «Summa secunde partis:...»<sup>80</sup>. A partir da lição 9 do livro I regressa o termo *sententia*. A partir da lição 13 já não usa nem um nem outro, preferindo expressões como «Circa primam partem procedit philosophus hoc modo». Em todas as 12 lições do livro II usa *sententia*<sup>81</sup>. Como o notou Manuel Alonso em vários locais, no manuscrito de Cracóvia encontram-se ambas as palavras, ora com todas as letras, ora com as abreviaturas: «Snia» «Sma»<sup>82</sup>, pelo que, neste contexto, *sententia* e *summa* devem ser tomadas como sinónimas.

<sup>79</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, II, 7; ed. Alonso, p. 182, 32-183,

<sup>80</sup> Cfr. I, 2, pp. 239, 31 e 240, 12. O mesmo se encontra na lição 4.

<sup>81</sup> Sobre os usos de *sententia* e *summa*, em sentido próximo deste (diferente do de género literário), como opinião, ideia, autoridade, cfr. M. TEEUWEN, *The Vocabulary of Intellectual Life*, cit., p. 339.

<sup>82</sup> Cfr. p. 183, n. 7; p. 341 n. à linha 14; p. 539, n. à linha 28.

A *sententia* é, portanto, a parte propriamente de comentário ao texto de Aristóteles, que o mestre também designa como *philosophus* ou *auctor*. Na realidade a *sententia* é uma paráfrase de Aristóteles, havendo uma interpretação do seu pensamento em pontos mais problemáticos ou onde o mestre tivesse mais informação. Por vezes a exposição das *sententiae* de uma lição estende-se por várias páginas e aborda problemas filosóficos importantes. Não é muito amplo o leque de recursos explicativos que o mestre tem à sua disposição:

- explicação de Aristóteles por outras palavras. Nas *sententiae* o discurso do mestre é a exposição do texto aristotélico de um modo mais prolífico, transferindo-o em casos raros para um discurso em primeira pessoa do plural (I, 1; p. 183, 9-10; ), mas quase sempre descrito na terceira do singular (*accedit, declarat, dicit, concludit, intendit dicere, ostendit, tangit*, etc.). Podemos dizer que o mestre transfere o texto para palavras suas, valendo-se da fragmentação que havia sido feita na *divisio textus*, procurando uma explicação do texto com base nele próprio. A determinação da *sententia* é, por isso, fundamentalmente uma paráfrase;
- remissões internas. Por vezes volta a citar lemas do *De anima*, mais para identificar a passagem de que fala, do que para explicar conceitos ou expressões mais difíceis. Por essa razão, em alguns casos, a explicação da *sententia* propõe uma nova divisão do texto (vejam-se como exemplo as sentenças da quarta e da quinta partes da lição 2 do livro I). Em geral o mestre procura uma interpretação interna ao *De anima*, remetendo para outras partes da obra, adjacentes ou mais distantes;
- citação de outras obras de Aristóteles. O procedimento é raro, mas encontramos referências a outros textos: *in secundo tractatus posteriorum analeticorum* (I, 2; p. 213, 24-25), *in VII<sup>o</sup> metaphysice* (I, 6; p. 288, 28), por duas vezes ao *in secundo phisici negotii* (II, 2; p. 541, 30), *in scientia {secundo?} de physico negotii* (II, 11; p. 756, 2). Por exigência do género, as citações de outras obras de Aristóteles são abundantes nas questões propriamente ditas;
- citação de outros autores. Este recurso, que também é raro, serve para compreender algum termo menos explícito no *De anima*. Por exemplo, cita um *in tercio geometrie* (I, 6; p. 288, 23), ou a definição de ira do comentário de Hali à *Ars parva* de Galeno (I, 6; p. 291, 5), ou o *De Trinitate* de Santo Agostinho sobre o conhecimento como similitude na alma (I, 11; p. 385, 14). A quarta *sententia* desta lição, provavelmente a mais longa de todo comentário (pp. 385-389), trata a posição de Platão sobre o número como princípio das coisas, e cita diversas vezes o *Timeu* (mas pode ser uma citação colhida do próprio *De anima*). O *Grande comentário* de Averróis sobre o *De anima* (I, 3, texto 38) é citado numa longa explicação a propósito do movimento local da alma (I, 15; p. 469, 2). As citações de outros autores também são abundantes nas questões (cfr. acima a n. 17 e o, apesar de tudo incompleto, índice de autores citados, nas pp. 779-781 da ed. de Alonso);
- recomposição dos argumentos de Aristóteles. O autor converte a argumentação em silogismos, explicitando as premissas e conclusões que lhe parecem apenas implícitas no texto. Invariavelmente os silogismos são introduzidos com expressões como; «Et formatur sic sillogismus, Omnis ..., Set ..., Ergo...», «Ex omnibus autem hiis elicetur talis sillogismus, Omnis ..., Set ..., Ergo...» (I 1; pp.

183, 20 e 184, 6). Outras vezes chama *ratio* aos argumentos, como em: «Et ratio sic apponitur: Sicut..., Set..., Ergo (I, 2; p. 212) 28); «Ratio autem sic formatur: Omne ..., Set ..., Ergo...» (I, 13; p. 427, 18); em outros poucos casos usa o termo *signum/signa* aplicado ao silogismo: «Deinde declarat mediam propositionem predicte rationis per duo signa. Et primum tale est: Omnes... Set..., Ergo...» (I, 6; p. 289, 31-33);

- equivalências de sentido. Por vezes, depois de citar um passo, encontra-lhe um equivalente: «Deinde tangit difficultatem cum dicit: ... Et talis est ...» (I, 2; p. 213, 4-7);
- explicitação de questões. Algumas passagens em tom mais dubitativo de Aristóteles são explicadas como comportando questões: «Deinde movet questionem super hoc, que difficultatem exprimit cum dicit “si autem manifestum est”, etc. Et est questio: ...» (I, 2; p. 213, 18-20); «inquit philosophus questiones de partibus anime et querit primum... Deinde tangit secundam questionem... Deinde tangit terciam questionem... Deinde tangit quartam questionem...» (I, 3; p. 240, 18-32); etc. Procedimento similar consiste em sublinhar as dificuldades do próprio texto de Aristóteles.

Ao contrário do que acontece com outros comentários da mesma época, não encontramos aqui a *expositio litterae*, a explicação da obra palavra a palavra, ou pelo menos dos termos ou das expressões mais difíceis. Os comentários de Averróis forneciam o modelo de exposição literal, que autores como o anónimo de Gauthier, o anónimo de Bazán ou S. Tomás, apenas para dar como exemplo obras já citadas, integrarão nos respectivos comentários, ao lado da divisão do texto, das sentenças e das questões (em S. Tomás a delimitação destes procedimentos é mais fluida). O nosso autor abdica do comentário literal e faz um comentário integrador o mais circunstanciado possível, mas mantendo-se ao nível das sentenças ou posições doutrinárias. Ao contrário do que acontece com os comentários literais, aqui o autor não está preocupado com minudências da língua, ou explicações de termos mais obscuros ou controversos, nem está preocupado com a explicação literal de expressões ou proposições. Interessa-lhe apenas a doutrina do *De anima*, que recompõe numa paráfrase, ponto por ponto.

Ao contrário do que encontramos também nos comentários literais, também não existem aqui as *notae* ou os *notanda* que esclarecem ou questionam o texto de Aristóteles.

Mesmo que opte por comentar a um nível interpretativo mais elevado que a simples *littera*, o comentário não ganha em afastamento face ao modelo ao qual está mecanicamente ancorado. Marca-o a mesma repetitividade que, com particular humor, Sten Ebbesen detectou nos comentários literais que estudou e editou com erudição: «The first thing to remember about literal commentaries is that they are boring. Only extreme philological perversion can make people enjoy them. (...) No healthy child ever relished reading the interminable series of foot- or end endnotes that used to accompany editions of classical poetry. The medieval literal commentary developed into a genre with its own conventions, but it never ceased to be boring, for it kept marks of its origin in a series of notes (*scholia*)<sup>83</sup>». Neste comentário a paráfrase, pela sua rigidez formal e pela duplicação forçada e prolixa do texto de Aristóteles não é

---

<sup>83</sup> S. EBBESEN, «Medieval Latin Glosses and Commentaries», cit., p. 133.

menos maçadora para o leitor contemporâneo, mas esse primeiro teste à paciência é extremamente instrutivo quanto aos métodos acadêmicos e às posições exegéticas e filosóficas do seu autor. De facto, o método de divisão do texto aristotélico é procedimento central para a explicitação literária, filosófica e científica do conteúdo da obra comentada.

A minúcia desta paráfrase dispensa e substitui a explicação literal do *De anima*. O mestre prefere a identificação das doutrinas (*sententiae*) ou da orientação (*intentio*) de Aristóteles. Diversas ocorrências simultâneas dos dois termos permitem-nos concluir que há proximidade e mesmo sobreposição semântica entre *sententia* e a *intentio auctoris*. Uma exprime a outra, com reciprocidade, como vemos ao logo das lições na frase que conclui a explicação das *sententiae*. Esse entendimento está presente desde Hugo de S. Victor, que ao distinguir *littera*, *sensus* e *sententia* na exposição de textos bíblicos equipara a *sententia* à inteligência que se esconde sob a *littera*, identificando-a por isso com a *intentio auctoris*, uma mais profunda compreensão do entendimento do autor<sup>84</sup>. No *Comentário sobre a alma* a fórmula de conclusão da *sententia* é quase sempre a mesma permitindo-nos associar a *sententia* e a *intentio*. Exemplo dos casos em que refere Aristóteles como filósofo: «Et sic manifestatur intensio philosophi in hac parte» (I, 4; p. 256, 1-2), «Et sic declaratur intensio philosophi circa hanc partem» (I, 5; p. 274, 19-20), «Et sic exponitur et terminatur intensio philosophi circa hanc partem» (I, 6; p. 291, 20-21), «Per hoc autem exponitur intensio philosophi in hac parte» (II, 1; p. 498, 7-8), «Ex hiis autem patet intensio philosophi circa hanc partem» (II, 2; p. 542, 31-32), «Est igitur in hac parte intensio philosophi distinctionem differentiarum anime assignare» (II, 8; p. 694, 25-26). O comentador não faz mais do que a *narração* da *intenção* ou *pensamento* do filósofo, como o diz numa interessante indicação sobre a técnica e níveis de divisão do texto: «In narratione autem intensionis philosophi minime particule distinguuntur» (I, 9; p. 341, 11-13).

Mesmo estando tão preso à letra do texto o autor por vezes interpreta-o num sentido que vai contra ou para lá do próprio pensamento de Aristóteles<sup>85</sup>.

A *sententia* e as *questiones* são as partes mais salientes deste comentário, mas devemos entendê-las apenas como partes da *lectio*. Como assinalou Olga Weijers, a *lectio* caracteriza-se pela composição em diversos elementos fixos que se repetem em todas elas: divisão do texto da lição, exposição ou paráfrase (*expositio* ou *sententia in speciali*), precedida da *sententia* (*in generali* ou *intentio*), exposição literal por vezes seguida da *ordo* ou *ordinatio* e, por fim os *dubia* ou as *questiones*<sup>86</sup>. De entre as três formas gerais do comentário em uso em Paris no século XIII assinaladas por Olga Weijers, este comentário inclui-se no modelo das *lectiones* (as outras são o comentário por *quaestiones* e o comentário por *sententia*, sendo este uma «paraphrase détaillée explicant le sens (*sententia*) du texte»<sup>87</sup>), mas incluindo como suas partes as *sententiae* e as *questiones*.

\*

---

<sup>84</sup> Cfr. M. TEEUWEN, *The Vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages*, cit., p. 336, n. 494 e a bibliografia lá citada.

<sup>85</sup> Mereceriam análise particular, e a título de exemplo, a longa discussão acerca de Platão, o número e a alma (pp. 385-389), ou a discussão da ordem e relações entre faculdades (pp. 717-719).

<sup>86</sup> O. WEIJERS, «La structure des commentaires philosophiques», cit., e EADEM, *Le maintien du savoir*, cit., pp. 42-44, para as partes da *lectio* cfr. respectivamente pp. 17-18 e p. 42.

<sup>87</sup> EADEM, *Idem*, cit., p. 46.



Quanto à natureza e origem do comentário algumas expressões e referências no texto indicam que se trata de material efectivamente leccionado e que as questões poderão ter sido debatidas no âmbito de lições universitárias<sup>88</sup>, mas são as remissões constantes para outros pontos do comentário ou a evocação de temas já tratados que indiciam recapitulações ou chamadas de atenção ao auditório. Particularmente ilustrativa do que pode ser o contexto escolar do comentário é a mudança de posição do autor a propósito da questão da pluralidade das formas, estudada no problema preambular III.1.2.), onde aconselha o auditório a escolher a posição mais adequada de entre as alternativas apresentadas e deixando para mais tarde a determinação da verdade da questão, defendendo ali uma posição apenas por conveniência de discussão:

*Eligatur autem que istarum positionem uidebitur principalis. Et quia ueritas istius questiones perspicacius determinabitur in secundo <livro> sustineatur ad presens gratia disputationis prima positio, scilicet, quod tres anime sunt una per essentiam in homine diuerse solum in potentiis.*<sup>89</sup>

Mais à frente alterará a sua escolha, embora deixe ainda e de novo a cada um a possibilidade de escolher entre as diferentes soluções do problema, mas reconhece que antes escolheu uma posição diferente da que agora prefere ao determinar a verdade da questão, segundo a via de Aristóteles:

*Que autem istarum opinionum videtur esse elegantior, eligatur precipue. Et nos in principio sustinemus primam opinionem causa disputationis. Via autem Aristotelis et aliorum philosophorum videtur ostendere illas differentias animae differre secundum substantiam et non solum secundum potentias et ideo illam viam sustinemus et ponimus quod ille tres differentie anime in substantiis et potentiis differunt in eisdem et in diversis. Questio autem ista querit de diversitate intellective ad alias duas et dicimus quod differt ab illis secundum substantiam et secundum potentias in eodem et in diversis. Quam autem opinionem decrevimus magis eligendam voluimus dilucidare*<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> Um exemplo entre muitos: «Ante quam aggrediamur disputare de anima secundum sui substantiam...», Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in De anima*, Quest. Preamb. III, 6; ed. Alonso, p. 122, 3-4; pelo contrário, Carlos Bazán defende que estas questões «do not seem to reflect any real discussion with students», cfr. B.C. BAZÁN, «13<sup>th</sup> Century Commentaries on *De anima*», cit., p. 126.

<sup>89</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in libros De anima*, I, 4, sol.; ed. Alonso, p. 263, 6-22: «As três diferenças da alma, vegetativa, sensitiva <e intelectiva> são uma mesma essência no homem, ou são diferentes nas potências? (...) Solução: A isto deve dizer-se que sobre esta questão há muitas posições. Alguns afirmam que estas almas no homem são a mesma em substância e diferentes nas potências. Outros afirmam que diferem no homem quer nas faculdades quer nas substâncias. Outros afirmam que a alma vegetativa e a sensitiva são uma mesma substância no homem, e diferentes nas potências, porque provêm de um mesmo princípio que é a natureza; e a intelectiva é diferente das outras quer em substância quer nas potências. Outros afirmam que a alma intelectiva e a sensitiva são a mesma por essência no homem e por isso há comunicação do conhecimento; e a vegetativa é totalmente diversa daquelas. *Destas posições escolba-se a que parecer melhor*. E, porque a verdade desta questão será determinada com mais precisão no segundo <livro>, *defenda-se agora, para efeito da discussão, a primeira posição*: que as três almas são uma por essência no homem e são diversas apenas nas potências».

<sup>90</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in libros De anima*, II, 6, q. 1, sol.; ed. Alonso, p. 656, 17-30: «A alma vegetativa, a sensitiva e a intelectiva são, no homem, uma substância ou são diferentes substâncias? (...) Solução: Sobre isto deve dizer-se que há muitas teses. A primeira é a que defendem os que dizem que estas três faculdades (*differentie*) da alma são uma <só> substância no homem, e esta substância existe no homem da qual provêm aquelas três potências, as quais são diferentes, porque apenas, como dizem, diferem nas potências e são idênticas na substância. Outros afirmam que estas três

Oscilações destas poderiam não ser muito bem acolhidas pelos estudantes, mas mostram o carácter disputativo que o mestre impunha às questões com que ampliava o comentário do texto de Aristóteles<sup>91</sup>.

Para compreender o contexto, a data e o autor, deve notar-se que algumas passagens do comentário indicam que esta não é a primeira obra do mestre. Em pelo menos cincopontos remete para outras obras suas. Uma vez cita uma obra sobre a matemática: «Et de hiis [*scilicet*: utrum amor sit principium omnium] *in mathematicis latius disputavimus*<sup>92</sup>». Em duas passagens parece citar um seu anterior comentário sobre a *Física*: «Et per hoc solvuntur rationes. Horum autem verificatio et cum *supra questiones physice negotii dicte sunt*<sup>93</sup>» e em «Utrum autem accidentium sunt propria principia per que diffiniantur, *determinatum est in aliis*<sup>94</sup>». Remete ainda para um tratado sobre a geração e o embrião: «Questiones vero que incidunt circa modos omnes generationis et circa embrionem *in tractatu quem sufficienter apponemus determinabuntur* et in ipso requirantur et si placet determinentur hic<sup>95</sup>». Não é claro se em outro ponto se refere a uma obra já escrita ou se aponta para outro local deste comentário: «Utrum autem sit intellectus increatus an creatus *in aliis discussimus*. Nunc autem sufficiat quod movetur ab intellectu<sup>96</sup>». Temos por isso um autor interessado por questões naturais, como aliás venceu ao definir na senda de Aristóteles o estudo da alma exclusivamente como uma ciência natural. O autor não cita nenhuma das obras tradicionalmente atribuídas a Pedro Hispano e as suas únicas obras que cita nunca as encontramos nas listas de obras atribuídas a Pedro Hispano<sup>97</sup>.

\*

A minuciosa tessitura argumentativa, a permanente construção conceptual e a

---

faculdades da alma, diferem no homem segundo a substância e segundo as suas potências. Ora, destas opiniões a que parecer mais correcta, escolhe-se como a melhor. E nós no princípio defendemos a primeira opinião, por causa da discussão. Mas, a via de Aristóteles e dos outros filósofos parece mostrar que aquelas potências da alma, diferem segundo a substância e não só segundo as potências. Por isso, defendemos aquela via [de Aristóteles e dos outros filósofos] e afirmamos que aquelas três diferenças da alma, diferem nas substâncias e nas potências, nelas mesmas e em diversos [i.e. são diferentes tanto em um só homem, como entre os diversos homens]. De facto esta questão indaga acerca da diferença da intelectiva face às outras duas e dizemos que difere delas segundo a substância e segundo as potências, no mesmo e em diferentes. *Por isso quisemos justificar esta opinião, que julgamos preferível.*» (p. 656, 9-30).

<sup>91</sup> O mestre opta aqui pelo hilemorfismo generalizado de Avicibrão, defendendo uma dupla substância da alma humana, teoria que diz ser «de Aristóteles e de outros filósofos», como lemos na última passagem citada, cfr. B.C. BAZÁN, «13<sup>th</sup> Century Commentaries on *De anima*», cit., p. 129 e E.-H. WÉBER, *La personne humaine au XIII<sup>e</sup> siècle. L'avènement chez les maîtres parisiens de l'acception moderne de l'homme*, (Bibliothèque thomiste, 46) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1991, p. 133.

<sup>92</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in libros De anima*, I, 14, q. 5, sol., ed. Alonso, p. 461,6.

<sup>93</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in libros De anima*, Quest. Preamb. III, q. 2, ad rat., ed. Alonso, p. 113, 32-33

<sup>94</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in libros De anima*, Quest. Preamb. III, q. 6.2.4, ad rat., ed. Alonso, p. 161, 8-10.

<sup>95</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in libros De anima*, II, 10, ed. Alonso, p. 738, 27-30.

<sup>96</sup> Pedro Hispano, *Sententia cum questionibus in libros De anima*, II, 1, q. 8, sol., ed. Alonso, p. 530, 32-531, 1.

<sup>97</sup> Para mais elementos que os que aqui apenas se afloram, cfr. J.F. MEIRINHOS, *Pedro Hispano (século XIII)*, cit., vol. II, pp. 226-229.

exposição de abundante informação histórica ou naturalística que marcam a obra de Aristóteles ofereciam novidade aos leitores do séculos XII-XIII. A estrutura e conteúdo dos comentários mostram o trabalho realizado para absorver este novo rico continente filosófico. A decomposição analítica do texto de Aristóteles, a interpretação literal ou parafraseada, o questionamento, são três níveis complementares desse esforço da apropriação do novo. Mas, o que em dado momento desse século XIII constitui um modo inventivo de abordar o texto (apesar de, como também já foi realçado, estes mestres terem desenvolvido de modo independente um método já ensaiado no mundo helénico<sup>98</sup>), tornar-se-ia nos séculos sucessivos um espartilho rígido e repetitivo ao ser adoptado uniformemente como prática didáctico-pedagógica das universidades.

No comentário atribuído a Pedro Hispano há uma junção de modelos e fórmulas, com processos e locuções metodológicas omnipresentes na minuciosa divisão estruturante e reformulação do texto de Aristóteles num comentário extenso e prolixo, com rasgos filosóficos discretamente disseminados. É nas questões com que cada lição termina que o autor tem mais liberdade e autonomia para expressar as suas posições. De facto, a combinação de dois modelos de comentário, o comentário-sentença e o comentário-questões, instaura uma dialéctica de proximidade e de afastamento face à autoridade filosófica do Estagirita. O lacunar texto que nos chegou revela um curso efectivamente proferido, seguindo as convenções em formação na época, mas não sabemos onde, nem em que condições e com que auditório terá sido composto. Terá sido leccionado seguramente antes de 1260-1266, porque o autor desconhece explicitamente a tradução para latim do *De motu animalium* nesses anos traduzido por Guilherme de Moerbeke e rapidamente difundido. O facto de o autor não citar ou não entrar em polémica com autores contemporâneos que escreveram sobre o *De anima* parece testemunhar que se trata, de facto, de um dos primeiros comentários desta obra a ter sido escrito em latim. E confirmar-se-ia assim a possibilidade de ter exercido influência textual, embora limitada, nos comentários subsequentes<sup>99</sup>.

O *Comentário* apresenta-se sobretudo como um testemunho da invenção de dispositivos e técnicas exegéticas para acolher e acomodar problemas e uma terminologia filosóficas até aí desconhecidas. Apesar de nas suas 700 páginas impressas abranger apenas um terço do total do *De anima* de Aristóteles, o *Comentário* continua a encerrar diversos enigmas. O local e a data de composição, ou mesmo a determinação do seu autor, permanecem questões em aberto.

J. F. Meirinhos

---

<sup>98</sup> Cfr. S. EBBESEN, «Medieval Latin Glosses and Commentaries», cit.

<sup>99</sup> «Mais il semble sûr que notre maître connaît bien (...) les *Questiones in de Anima* de Pierre d'Espagne enseignés à Toulouse vers 1240», R.-A. GAUTHIER, «Introduction» em ANONYMI, magistri artium (c. 1245-1250), *Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata*, cit., p. 17\*; «L'influence de Pierre d'Espagne est plus difficile à repérer, compte tenu du fait que le commentaire de Pierre n'est pas aussi étendu que le nôtre et que la méthode des deux maîtres est différente. (...) toutefois, la date que nous avons proposée signifie que le commentaire de Pierre peut être considéré comme une des sources, du moins indirecte, du nôtre», B.C. BAZÁN, «Introduction», em ANONYMI, magistri artium (c. 1246-1247), *Sententia super II et III De anima*, cit., p. 15\*.

A tradução do *De anima* usada no *Comentário* atribuído a Pedro Hispano e a divisão em lições

As coincidências dos lemas do comentário com o início de textos (T.: Averróis), lições (L.: Anónimo de Gauthier) ou capítulos (C.: Tomás) são assinalados indicando-se o respectivo número a negrito. Para as referências bibliográficas, ver acima as notas 8, 34 (Averróis), 38 (Tiago), 5 (Tomás).

<i>De anima</i>	Divisão Petri	Lemma do <i>Comentário</i> atribuído a Pedro Hispano	<i>Translatio Scoti e o Comentário de Averróis</i>	<i>Translatio Iacobi e o anónimo de Gauthier</i>	<i>Translatio Guillelmi e a Sentencia de Tomás de Aquino</i>
<i>I, 1</i>	<i>Pars Prohemialis</i>				
402a1	I, Lectio 1	Bonorum honorabilium noticiam opinantes	Quoniam de rebus honorabilibus est scire (T. 1)	Bonorum honorabilium noticiam opinantes (L. 1)	Bonorum et honorabilium noticiam opinantes (C. 1)
402a7	I, Lectio 2	Inquirimus autem cognoscere et cognoscere <cf. p. 182, 3> naturam ipsius et substantiam	Et questitum est scire naturam substantiam eius; postea autem omnia que accidunt ei (T. 3)	Inquirimus autem considerare et cognoscere naturam ipsius et substantiam (L. 2)	Inquirimus autem considerare et cognoscere naturamque ipsius et substantiam
402a22	I, Lectio 3	Primum autem fortassis necessarium est dividere in quo genere sit ( <i>in quo generum?</i> ) et quid sit	Et dignum est et rectum ut primo determinemus in quo genere existit (T. 6)	Primum autem fortassis necessarium est [ <i>ceff. mss.</i> ] dividere in quo generum et quid sit	Primum autem fortassis necessarium est dividere in quo generum, et quid sit
402b9	I, Lectio 4	Amplius si non multe sint anime set plures partes utrum oporteat querere	Et etiam si anime non fuerint multe, sed secundum partes (T. 9)	Amplius autem si non multe sint anime, set partes, utrum oportet querere	Amplius autem si non multe anime, set partes, utrum oportet querere
402b16	I, Lectio 5	Videtur autem non solum quod quid est cognoscere utile esse ad cognoscendum causas accidentium <i>in subiectis</i> <sup>101</sup>	Ed videtur quod hoc non solum est utile, scilicet quid sit aliquid, in sciendo causas accidentium substantiarum (T. 11)	Videtur autem non solum quod quid est cognoscere utile esse ad cognoscendum causas accidentium substantiis	Videtur autem non solum quod quid est cognoscere utile esse ad cognoscendum causas accidentium substantiis
403a3	I, Lectio 6	Dubitationes autem habent et passiones anime utrum sint communes et habentis	E est dubium de passionibus anime, utrum omnes sint communes (T. 12)	Dubitationes autem habent et passiones anime, utrum sint communes et habentis (L. 3)	Dubitationes autem habent et passiones anime, utrum sint omnes communes et habentis (C. 2)
403a29	I, Lectio 7	Differenter autem diffiniunt quidem physicus et dyalecticus unumquodque ipsorum	Et differt illud quo naturalis diffinit unumquodque (T. 16)	Differenter autem diffiniunt physicus et dyalecticus unumquodque ipsorum	Differenter autem diffiniunt physicus et dyalecticus unumquodque ipsorum

<sup>101</sup> *in subiectis* por *substantiis* é variante assinalada nos mss. M, O, D, da edição de Alonso, da *translatio vetus*, p. 91, app. I. 10.

<b>I, 2-III, 13</b>	<b>Executio</b>				
<b>I, 2-5</b>	<b>Pars prima</b>				
403b20	I, Lectio 8	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
403b31	I, Lectio 9	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
404a25	I, Lectio 10	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
404b8	I, Lectio 11	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
404b27	I, Lectio 12	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
405a13	I, Lectio 13	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
405b11	I, Lectio 14	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
405b31	I, Lectio 15	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
<b>II-III</b>	<b>Pars II</b>				
	<b>Pars I<sup>a</sup>, II<sup>a</sup></b>				
412a3	II, Lectio 1	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
412b4	II, Lectio 2	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam
412b25	II, Lectio 3	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Unde Democritus quendam aut calorem dicit esse ipsam

<sup>102</sup> O lema é mais longo na p. 492 que no início da lição.

413a11	II, Lectio 4	habens Quum <sup>103</sup> autem ex incertis <quidem>, certioribus certior fit et secundum rationem notius	Et quia res manifesta est magis propinqua in sermone ad intelligendum (T. 12)	Quoniam autem ex incertis quidem certius autem fit quod certum et secundum rationem notius (C. 3)
413a20	II, Lectio 5	Dicamus igitur principium accipientes intensionis	Incipiamus igitur querere et dicere quod animatum distinguitur (T. 13)	Dicamus igitur principium accipientes intensionis
413b13	II, Lectio 6	Utrum autem horum unumquodque anima aut pars anime	Utrum igitur unaqueque istarum sit anima (T. 19)	Utrum autem horum unumquodque est anima aut pars anime (C. 4)
414a4	II, Lectio 7	Quoniam autem quo vivimus et sentimus	Et quia illud per quod vivimus et sentimus dicitur duobus modis (T. 24)	Quoniam autem quo vivimus et sentimus
414a29	II, Lectio 8	Potentiarum autem anime que dicte sunt	Iste autem virtutes anime quas diximus inveniuntur (T. 27)	Potentiarum autem anime que dicte sunt (C. 5)
414b19	II, Lectio 9	Manifestum est autem quoniam eodem modo una est ratio anime et figure	Dicamus igitur quod manifestum est quod ex via huius exempli eadem (T. 30)	Manifestum igitur est quoniam eodem modo una utique erit ratio anime et figure
<b>II, 4 – III, 13</b> <b>II, 4-12</b>	<b>Pars II<sup>a</sup>, II<sup>a</sup></b> <b>Sub parte I</b>	<i>Determinat de differentia anime que est vegetabilis et de illa que est sensibilis (491, 31- 32)</i>		
415a14	II, Lectio 10	Necessarium autem est debetem de hiis intensionem facere accipere unumquodque ipsorum quid est <sup>104</sup>	Et indiget necessario qui voluerit perscrutari de istis scire unamquamque istarum que sit (T. 33)	Necessarium autem est debetem de hiis perscrutationem facere accipere unumquodque horum quid est
415b8	II, Lectio 11	[«de singulis anime differentis et potentis specialiter determinab», 694, 11-12]	Anima igitur est corporis vivi causa et principium tribus modis (T. 36)	Est autem anima viventis corporis causa et principium
<b>415b28- 435b25</b> <b>(II, 4-III, 13)</b>	II, Lectio 12 <i>falsa</i>	Empedocles autem non bene dixit hec addens augmentum accidere plantis	Empedocles autem non recte dixit in hoc et vere cum dixit quod augmentum quod accidit in plantis (T. 38)	Empedocles autem non bene dixit, hoc addens augmentum accidere plantis (C. 8)

<sup>103</sup> Quum ] Quoniam, cfr. p. 492, 8

<sup>104</sup> Lema em II, 1, p. 491, 23-25 é mais longo.

<b>III</b>	<b>Sub parte II</b>	<i>Determinat de anima intellectiva (492, 1-2)</i>			
429a10 (III, 4)	(cfr. II, 10, p. 732, 10-13)	De parte autem anime qua anima intelligit <sup>105</sup> et sapit, etc., determinatur de illa que nullius partis corporis est actus et hec est intellectiva.	De parte autem anime per quam anima cognoscit et intelligit (T. 1)	De parte autem anime qua cognoscit et sapit (L. 1)	De parte autem anime qua cognoscit anima et sapit (C. 1)

---

<sup>105</sup> O termo *intelligit* não ocorre em nenhum dos manuscritos usados nas ed. da *translatio vetus* por Alonzo, Gauthier, White, é uma contaminação da tradução de Miguel Escoto, que Pedro também estaria a usar.

## Anexo 2

### A divisão do *De anima* de Aristóteles no comentário atribuído a Pedro Hispano

A título de exemplo e para ilustrar a organização arborescente da decomposição do texto do *De anima*, numeraram-se as partes e sub-partes das lições 1 a 11 do primeiro livro. Das restantes apenas se indicam os lemas principais. Entre parêntesis indica-se a *sententia* a que cada parte corresponde no interior da respectiva lição.

<i>De anima</i>	<i>Lectiones Petri</i>	<i>Divisio Petri</i>
I, 1		<b>PARS PROHEMIALIS</b>
	I, Lectio 1	<i>Bonorum honorabilium noticiam opinantes</i> [determinatur excellentia nobilitatis huius scientie]
402a1		A.1.1.1. <i>Bonorum honorabilium</i> (S. 1) A.1.1.2. <i>Propter utraque hec</i> (S. 2) A.1.2.1. <i>Videtur autem et ad omnem veritatem cognitio ipsius maxime proficere</i> (S. 4) A.1.2.2. <i>Maxime autem ad naturam</i> (S. 4)
	I, Lectio 2	<i>Inquirimus autem cognoscere naturam ipsius et substantiam</i> [determinatur manifestatio eorum circa que est intensio in hac scientia et modus procedendi circa ipsam]
402a7		A.2.1.1.1. <i>Inquirimus autem cognoscere naturam</i> (S. 1)
402a8		A.2.1.1.2. <i>postea que&lt;cumque&gt; accidunt circa ipsam</i> (S. 2)
402a10		A.2.1.2.1. <i>omnino autem et penitus difficillimorum est habere aliquam fidem de ipsa</i> (S. 3)
402a12		
402a16		A.2.1.2.2.1. <i>cum enim sit communis questio multis aliis</i> (S. 4) A.2.1.2.2.2. <i>si autem non est una et communis scientia</i> (S. 5)
	I, Lectio 3	<i>Primum autem fortassis necessarium est dividere in quo genere sit et quod sit</i> [in hac parte tanguntur ea que circa animam et substantiam et naturam ipsius et eius proprietates primo sunt inquirenda et queritur modus procedendi circa investigationem ipsorum]
		A.2.2.1.1.1.1. <i>Primum autem fortassis</i> (S. 1)
402a22		A.2.2.1.1.1.2. <i>Adhuc autem utrum eorum que sunt potentia</i> (S. 2)
		A.2.2.1.2.1. <i>Considerandum autem est et si partibilis est</i> (S. 3)
402b1		A.2.2.1.2.2. <i>et utrum sit similis speciei omnis anima</i> (S. 4) A.2.2.1.2.3. <i>Si autem non est similis speciei</i> (S. 5) A.2.2.1.2.4. <i>nunc quidem enim querentes et dicentes de anima</i> (S. 6) A.2.2.1.2.5. <i>Querendum est autem quo modo non lateat</i> (S. 7)
	I, Lectio 4	<i>Amplius si non multe sint anime set plures partes utrum oporteat querere</i> [Intendit autem philosophus in hac parte tangere questiones incidentes circa comparisonem potenciarum anime ad substantiam ipsius et operationum ad potencias et obiectorum ad operationes a parte modi procedendi in hac scientia]
402b9		A.2.2.1.3.1.1. <i>Amplius si non multe sint</i> (S. 1)
402b11		A.2.2.1.3.1.2. <i>et utrum oportet partes querere prius</i> (S. 2)
402b13		A.2.2.1.3.1.3. <i>si autem opera prius dubitabile est utique</i> (S. 3)
	I, Lectio 5	<i>Videtur autem non solum quod quid est cognoscere utile esse ad cognoscendum causas accidentium in subiectis</i>
402b16		A.2.2.1.3.2.1. <i>Videtur autem non solum</i> (S. 1) A.2.2.1.3.2.2. <i>Quum enim habeamus tradere phantasiam de accidentibus</i> (S. 2) A.2.2.1.3.2.3. <i>Omnis enim demonstrationis principium est quod quid est</i> (S. 3)
	I, Lectio 6	<i>Dubitationes autem habent et passiones anime</i> [inquirunt philosophus (...) utrum



		passiones anime sint proprie ipsius, an sint communes anime et corpori]
		A.2.2.2.1.1.1. <i>Dubitaciones autem habent</i> (S. 1)
		A.2.2.2.1.1.2. <i>videtur autem pluribus nec sine corpore pati</i> (S. 2)
402b16		A.2.2.2.1.1.3. <i>set sicut recto in quantum rectum multa accidunt</i> (S. 2)
		A.2.2.2.1.2.1. <i>videntur autem et anime passiones</i> (S. 3)
		A.2.2.2.1.2.2. <i>si autem sic se habent manifestum est quod intentiones passionum</i> (S. 4)
		A.2.2.2.1.2.3. <i>et propter hoc physici est considerare aut de omni aut huiusmodi</i> (S. 5)
	I, Lectio 7	<i>Differenter autem diffiniunt quidem physicus et dyalecticus unumquodque ipsorum</i>
		A.2.2.2.2.1. <i>Differenter autem diffiniunt</i> (S. 1)
		A.2.2.2.2.2. <i>set redeundum est. Unde ratio</i> (S. 2)
403a29		[Na lição falta a parte final da <i>divisio</i> e a <i>sententia</i> ; 11 linhas do ms. em branco]
<b>I, 2-III,13</b>		<b>EXECUTIO</b>
I, 2-5		<b>Pars prima</b>
	I, Lectio 8	<i>Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet</i>
		B.(I).1. [pars I, prohemium]
403b20		B.(I).1.2.1.1.1.1. <i>Intendentes de anima necesse est</i> (S. 1)
403b21		B.(I).1.2.1.1.1.2. <i>attendentes priorum opiniones comprehendere</i> (S. 2)
403b24		B.(I).1.2.1.1.1.3. <i>principium autem questionis est apponere que maxime videntur ibi inesse secundum naturam</i> (S. 3)
403b25		B.(I).1.2.1.1.2.1. <i>Animatum igitur ab inanimate duobus modis differre videtur</i> (S. 4)
403b27		B.(I).1.2.1.1.2.2. <i>accepimus autem et que a genitoribus fere duo hec de anima</i> (S. 5)
403b31	I, Lectio 9	
		B.(I).1.2.1.2.1.1.1. <i>Unde Democritus ignem quendam aut calorem dicit esse</i>
		B.(I).1.2.1.2.1.1.2. <i>Similiter autem et leucipus horum autem specie rotunda dicit animata</i>
		B.(I).1.2.1.2.1.2.1. <i>Videtur quod et a pitagoricis eandem habere intelligentiam</i>
		B.(I).1.2.1.2.1.2.2. <i>qui autem ferunt et quicumque dicunt animam esse se ipsam movens</i>
403a25	I, Lectio 10	B.(I).1.2.1.2.1.3.1.1. <i>Similiter autem et Anaxagoras animam dicit moventem</i>
		B.(I).1.2.1.2.1.3.1.2.1. <i>Non tamen penitus sicut democritus</i>
		B.(I).1.2.1.2.1.3.1.2.2. <i>Anaxagoras autem minus certificat de ipsa</i>
		B.(I).1.2.1.2.1.3.2. <i>Quicumque igitur considerant in id quod movetur anima</i>
404b8	I, Lectio 11	B.(I).1.2.1.2.2.1. <i>Quicumque autem in sentiendo et cognoscendo eorum que sunt</i>
		B.(I).1.2.1.2.2.2. <i>sicut Empedocles ex elementis omnibus</i>
		B.(I).1.2.1.2.2.3. <i>Eodem autem modo Plato in Thimeo animam fecit</i>
404b27	I, Lectio 12	B.(I).1.2.2.1. <i>Quoniam autem et motum visa est anima esse et cognoscitivum</i>
405a13	I, Lectio 13	<i>Anaxagoras autem videtur quidem alterum dicere animam et intellectum sicut diximus prius</i>
405b10	I, Lectio 14	B.(I).1.2.2.2. <i>Diffiniunt autem &lt;animam&gt; omnes tribus ut est dicere motu, sensu et incorporeo</i>
	I, Lectio 15	
		<i>Considerandum autem est hic primum quidem de motu</i> (S. 1)
405b31		<i>fortassis autem non solum falsus</i> (S. 2)
406a4		<i>dupliciter autem commoveatur</i> [cum moveatur, corr. ms. A] <i>omne aut enim secundum se ipsum aut secundum alterum</i> (S. 3)
406a10		<i>dupliciter autem dicto quod movetur nunc intendamus de anima</i> (S. 4)
		<i>quoniam autem anima videtur movere corpus</i> (S. 5)
406a30		
	<b>Vacat</b>	(406a30-412a2: divisão na lectio I, 15)
406a30	[Texto perdido? não]	<i>animam autem maxima dicit aliquis et a sensibili moveri: inquit quomodo veritatem habeat primo ponens ipsam secundum predictum modum moveri</i>

	comentado?)	<i>Quidam autem et movere dicunt animam corpus in quo est: improbat ipsorum opiniones in speciali</i>
406b15		<i>Tribus autem modis traditis secundum quos diffiniunt animam: improbat opiniones diffinitionum animam per cognitionem</i>
409b18		<i>Quoniam autem cognoscere est anime et sentire et opinari, adhuc concupiscere: inquit de numero actionum et virtutum anime et partibilitatem et impartibilitatem ipsius et virtutum eius cuius partis continuatio in fine huius tractatus patebit</i>
411a26		
<b>II-III</b>		<b>Pars II (de anima secundum viam veritatis)</b>
<b>I</b>		<b>Pars I<sup>a</sup>, I<sup>ae</sup> pars</b>
	II, Lectio 1	B.2.1.(II)
412a3		<i>Hec quidem a prioribus tradita de anima dicta sunt (S. 1)</i>
412a6		<i>dicamus igitur genus unum quod erit eorum que sunt substancia (S. 2)</i>
?		<i>Hec autem maxime is videntur corpora (S. 3)</i>
412a19		<i>Necesse est ergo animam substanciam esse sicut speciem corporis (S. 4)</i>
		... [vacat]
		... [vacat]
412b4	II, Lectio 2	<i>Si autem aliquod commune in omni anima oportet dicere, erit utique actus primus</i>
412b25	II, Lectio 3	<i>Est autem non abiciens animam &lt;quod: om. F&gt; cum potencia sit sicque vivere, set [set: ms. A.;; cett.: secundum] quod est habens</i>
413a11	II, Lectio 4	<i>Quum autem ex incertis &lt;quidem&gt;, certioribus certior fit et secundum rationem notius</i>
413a20	II, Lectio 5	<i>Dicamus igitur principium accipientes intensionis</i>
413b13	II, Lectio 6	<i>Utrum autem horum unumquodque anima aut pars anime</i>
414a4	II, Lectio 7	<i>Quoniam autem quo vivimus et sentimus</i>
414a29	II, Lectio 8	<i>Potentialium autem anime que dicte sunt</i>
414b19	II, Lectio 9	<i>Manifestum est autem quoniam eodem modo una est ratio anime et figure</i>
<b>II,4-III,13</b>		<b>pars II<sup>a</sup>, I<sup>ae</sup> pars</b>
II, 4-12	Sub parte A	<i>«determinat de differentia anime que est vegetabilis et de illa que est sensibilis» (491, 31-32)</i>
415a14	II, Lectio 10	<i>Necessarium autem est debentem de hiis intensionem facere accipere unumquodque ipsorum quid est [de singulis anime differentiis et potenciis specialiter determinat, 694, 11-12]</i>
415b7	II, Lectio 11	<i>Est autem anima viventis corporis causa et principium</i>
<b>415b28-435b25</b>		[vacat] <i>Empedocles autem non bene dixit hec addens augmentum accidere plantis (415b28)</i>
<b>III</b>		Determinat de anima intellectiva (492, 1-2)
429a10	Sub parte B	B.2.1.(III)
(III, 4)	(cfr. II, 10, p. 732, 10-13)	<i>De parte autem anime qua anima intelligit et sapit, etc., [determinatur de illa que nullius partis corporis est actus et hec est intellectiva].</i>